

SESSÕES DO PLENÁRIO

38ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 27 de junho de 2019.

PRESIDENTE: DEPUTADA OLIVIA SANTANA (AD HOC)

A Sr.^a PRESIDENTA(Olivia Santana): Bom dia a todos e a todas, bom dia atletas, jogadoras, técnicos, técnicas, sob a proteção da nossa Constituição, da nossa Carta Magna do estado e em respeito ao Estado democrático de direito, eu declaro aberta com muita honra, com muita satisfação esta sessão especial convocada pela Comissão dos Direitos da Mulher, a qual eu presido, que irá debater sobre políticas de valorização do futebol feminino.

Entendendo a importância da Copa do Mundo do futebol feminino, mas não somente isso, porque a nossa iniciativa já tinha sido aprovada na Comissão da Mulher antes mesmo de nos atentarmos para esse evento que é tão importante, o mundial feminino, mas nós resolvemos fazer agora, exatamente entendendo que este assunto está na ordem do dia, nós resolvemos pautar de fato o futebol feminino, para que a gente possa ter um diagnóstico da situação dos nossos clubes femininos da Bahia. E mais que isso o desafio de comprometer instituições com esta presença da mulher no mundo esportivo, mais especialmente no mundo do futebol.

Portanto, com muita honra eu quero aqui convidar uma pessoa muito especial, uma pessoa inspiradora deste debate, que nos provocou desde o primeiro momento sobre a necessidade de um debate desta natureza, a nossa grande técnica e treinadora da Seleção Brasileira Feminina de Futebol 7, Dilma Mendes, que é um ícone no estado da Bahia. (Palmas)

Com muita honra, eu convido a nossa vice-presidenta da Comissão dos Direitos da Mulher, a nossa deputada Jusmari, para tomar assento aqui na Mesa. (Palmas). Convido o secretário do Trabalho Emprego Renda e Esporte, Davidson Magalhães, ele que nos demonstrou muito entusiasmo com esse tema, assumiu o compromisso de estar aqui conosco, agradeço a sua presença. (Palmas)

Convido também uma outra deputada incansável, batalhadora nesta Casa, membro titular da nossa Comissão da Mulher, a deputada Maria del Carmen, 1ª Secretária da Mesa Diretora da Assembleia Legislativa da Bahia. (Palmas)

Convido o superintendente da Sudesb, Vicente Neto. Esta Superintendência do Esporte, estrutura ligada à Secretaria do Trabalho, desenvolve toda a política estadual voltada para o esporte na Bahia.

Convido também com muita honra a nossa madrinha, jornalista e apresentadora da TVE, Ayana Simões, para compor a nossa Mesa. (Palmas). Os jogos da Copa do Mundo de Futebol, transmitidos pela TV, especialmente pela *Rede Globo*, deveriam ser narrados por uma mulher. Sempre nos ressentimos disso, porque numa Copa do Mundo de Futebol Feminino, nada seria mais justo do que termos uma narradora feminina. Ainda não conseguimos, mas a luta continua. Seja, portanto, Ayana, muito bem-vinda a nossa Mesa.

Com muita honra eu convido o vice-presidente da Federação Baiana de Futebol, Manfredo Lessa, para compor a Mesa e trazer aqui a contribuição da federação a este importante debate. (Palmas) Convido a jogadora do Esporte Clube Vitória, Tainara Silva, e eu gostaria que ela ficasse num lugar de destaque, nesta Mesa (palmas), quebrando, inclusive, protocolo, porque esta é uma sessão dedicada às jogadoras de futebol feminino, aos clubes de futebol feminino e é um momento das autoridades públicas ouvirem, conhecerem e valorizarem as vozes que chegam deste campo. Então, Tainara, seja muito bem-vinda.

Convido, com muita honra, a representante do Clube de Futebol Feminino do São Francisco do Conde, a jogadora Vanessa Silva, clube que mora no nosso coração, e que vem fazendo um trabalho muito valoroso e, diuturnamente, luta contra a falta de apoio e estrutura. (Palmas)

Convido, agora a senhora coordenadora de Direitos Humanos, da Defensoria Pública, Livia Almeida, nossa parceira, representando o defensor-geral, Rafson Ximenes. Por favor, Dr.^a Livia. (Palmas)

Imediatamente, chamo agora, para abrir artisticamente o nosso trabalho, essa banda, esse grupo que acompanhou todo o processo de participação da Seleção Feminina na Copa, abrindo e acompanhando todos os jogos, lá no Pelourinho, a nossa Banda Feminina Didá. (Palmas)

(Procede-se à apresentação musical da Banda Didá.)

Vivian da Banda Didá: Nós, mulheres, somos maravilhosas em tudo que fazemos. Nós escolhemos o que queremos fazer e como desejamos ser felizes. Essa escolha é nossa. A Banda Didá faz gol no tambor, e vocês fazem gol no campo, representando o nosso talento, a nossa técnica, a nossa beleza e a nossa competência. Estamos juntas.

Viva as mulheres esportistas do Brasil! Viva! (Palmas, muitas palmas)

Obrigada. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olivia Santana): Obrigada, muito obrigada, Banda de Música Didá, que não é só uma banda de música, já seria muito se só fosse isso! Mas é um grande projeto social voltado para jovens mulheres, instalado ali no Pelourinho, que é um legado importantíssimo do nosso grande mestre Neguinho do Samba.

Parabéns, Didá! Parabéns a todas, a todo o esporte feminino.

Vi a polêmica que houve quando, inadvertidamente, alguns fizeram a transmissão da Copa, e quando se referiam ao Pelourinho diziam “tem a banda feminina do Olodum.” A Didá não é a banda feminina do Olodum. A Didá é a Didá!

Certo?! (Palmas) Com todo respeito ao Olodum, mas nós temos também identidade, nome e sobrenome, não é Vivian?

Bom, nós agradecemos a participação da Didá, agradecemos imensamente. Foi muito difícil, porque nós estamos na semana da festa junina, deputada Maria del Carmen, e não foi fácil construir essa sessão e, ao mesmo tempo, garantir a presença da Didá aqui. Mas, graças a Deus, tudo deu certo e vocês estão aqui, e esta sessão não seria tão linda sem a presença de vocês.

Muito obrigada.

Salva de palmas para a Didá! (Palmas, muitas palmas)

Companheiras e companheiros, eu quero agora, pedindo licença às minhas colegas de comissão, mas nós vamos ter que quebrar um pouco aqui o protocolo, e eu vou convidar para fazer uso da palavra, primeiramente, o secretário de esporte do governo do estado da Bahia, porque ele vai ter uma reunião agora do conselho e não poderia, portanto, deixar de estar nesta sessão e nem pode deixar de estar na reunião do conselho.

Então nós pactuamos que ele falará e a secretaria continuará aqui representada na presença do superintendente Vicente Neto. Mas eu vou convidar para que faça uso da tribuna o ex-deputado federal Davidson Magalhães, atual secretário do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte para que ele possa, aqui, expressar o seu compromisso, o compromisso da secretaria com esta agenda de fortalecimento, de desenvolvimento do esporte feminino, do futebol feminino. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Com a palavra Davidson Magalhães.

O Sr. DAVIDSON MAGALHÃES: Bom dia a todos e a todas, Ex.^{ma} Sr.^a Presidenta da Comissão dos Direitos da Mulher, deputada Olívia Santana, obrigada por essa deferência, realmente nós teremos uma reunião do conselho, eu tenho que estar presente, mas não poderia me ausentar dessa importante sessão. Cumprimento aqui a Sr.^a Vice-Presidenta da Comissão dos Direitos da Mulher, deputada Jusmari Oliveira; a Ex.^{ma} Sr.^a 1^a Secretária da Mesa Diretora da Assembleia Legislativa, Maria del Carmen; a Sr.^a Coordenadora dos Direitos Humanos da Defensoria Pública, Dr.^a Lívia Almeida; o representante do defensor público, Sr. Diretor-Geral da Superintendência dos Desportos do Estado da Bahia, Vicente Neto, que não só vai me representar, mas também vai detalhar aqui as políticas públicas que estão sendo desenvolvidas em todas as modalidades, não só no esporte feminino, do governo do estado, que esse é o braço executivo das políticas do esporte do nosso estado, ex-secretário também, e que vai dar boas novidades aqui nesse campo do futebol feminino. O Sr. Vice-Presidente da Federação Baiana de Futebol, Manfredo Lessa; a Sr.^a Presidente do Camaçari e treinadora da Seleção Brasileira Feminina de Futebol, Dilma Mendes, uma batalhadora. Essas aqui são as grandes batalhadoras pelo esporte feminino, especialmente o futebol. A jogadora do meu clube, o Esporte Clube Vitória, Sr.^a Tainara Silva; a jogadora do São Francisco do Conde, Esporte Clube, Sr.^a Vanessa Silva; a jornalista e apresentadora do Esporte na TV, Sr.^a Ayana Simões.

Senhoras e senhores, é uma sessão extremamente relevante, deputada Olívia Santana, eu tive uma reunião neste mês para discutirmos a Copa 2 de Julho e, naquela oportunidade, eu li uma manchete de um jornal da década de 40. Olha o que dizia o jornal: Manchete: *“Pé de mulher não foi feito para meter chuteiras. As partidas femininas não figuram no desporto legal”*.

Oportuna declaração de Guedes Marinho, assistente técnico do Ministério da Educação, exatamente em 14 de abril de 1941, durante a ditadura de Getúlio Vargas, no art. 5º do decreto lei, do art. 54 do Decreto Lei nº 3.199, foi proibido o futebol feminino no Brasil.

Então, às vezes, algumas pessoas perguntam: por que uma sessão especial sobre futebol feminino? As outras modalidades, as mulheres se firmaram, as outras modalidades, a Seleção Brasileira de Voleibol tem tanto apoio quanto à masculina. Isso tudo é consolidado.

Mas até 1983, por lei, era proibido o futebol feminino no país do futebol. Então, é uma demonstração clara e aliás, as primeiras ligas desportivas femininas que surgiram, surgiram de mulheres que lutavam também, deputadas, pela igualdade, pela afirmação da mulher enquanto atriz do projeto social, como protagonista do projeto social.

Então, é uma vergonha o que a gente vê hoje no futebol. Por isso que é muito importante destacar o futebol, porque o futebol é a grande paixão nacional do esporte, destacadamente, o esporte mais popular do Brasil e exatamente aí a discriminação é muito forte.

E foi visível e eu parabenizo a oportunidade desta sessão, exatamente quando nós vimos a desclassificação do futebol feminino, da demonstração clara do desnível, da falta de apoio material. Se essas meninas tivessem um décimo, um décimo do que tem a Seleção Brasileira Masculina, nós já seríamos a maior potência do futebol feminino do mundo (palmas), com títulos, apesar de termos a maior jogadora de futebol das copas, a maior artilheira da copa. Ninguém ganhou tantos prêmios quanto a Marta, mas na individualidade, no esforço próprio de superar as limitações e as barreiras que as mulheres enfrentam em todos os aspectos da nossa vida.

Portanto, quero afirmar aqui o compromisso nosso, não só com todas as modalidades, mas, especialmente, no futebol feminino. No final do mês de julho, nós vamos, o estado da Bahia, através da Sudesb e da Setre, vamos lançar um grande programa de apoio junto com a federação, junto com os clubes de apoio ao futebol feminino, para transformar a Bahia numa potência do futebol feminino nacional.

Vamos lançar um grande programa de iniciação esportiva nessa área do esporte feminino, talvez, o maior programa nacional de iniciação esportiva na área do futebol feminino. E vamos lançar isso junto com a Secretaria da Mulher, precisamos articular a Assembleia Legislativa para que as deputadas, também, na discussão do orçamento, nos brinde com apoios orçamentários no processo de debate aqui sobre um orçamento público para o esporte, para que nós tenhamos políticas cada vez mais afirmativas.

Quero dizer, portanto, do compromisso do governador Rui Costa com o futebol feminino, com todas as modalidades, longe das políticas que estão sendo destruídas, nacionalmente... foi o ministério dos esportes que acabou. Aqui nós temos afirmação

com os programas de incentivo, de iniciação esportiva sem discriminação, todas as modalidades.

A deputada Olívia Santana já foi secretária de estado. Foi com ela que nós iniciamos esses processos todos, Vicente deu continuidade e a nossa responsabilidade de coroar esse processo no final do mês de julho com um grande lançamento de um programa para o futebol feminino da Bahia.

Parabéns, deputadas por essa iniciativa. Parabéns a Assembleia Legislativa e vamos juntos, superar mais esse obstáculo: lugar de mulher é onde ela quiser.

“Respeita as minas” no futebol! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, secretário Davidson pela sua importante participação, por esse anúncio de um investimento da Setre num programa de iniciação esportiva focado também no futebol para garantir, de fato, mais oportunidades para as mulheres no futebol, o futebol feminino, que precisa de tanto apoio e de tanta ajuda, que precisa de estrutura.

Eu quero, portanto, saudar a sua participação e convidar, também, de imediato, a chefe de Gabinete da Secretaria de Políticas para as Mulheres, Daniele Costa, que neste ato representa a secretária Julieta Palmeira. (Palmas) Também gostaria de convidar a senhora Ângela Guimarães, que é presidente nacional da União de Negros pela Igualdade, para que ela também possa fazer parte da nossa mesa. (Palmas)

Peço à deputada Jusmari, vice-presidente da Comissão da Mulher, que, por favor, tome aqui o lugar da presidência nesta mesa para que eu possa fazer uso da palavra.

(A deputada Jusmari Oliveira assume a presidência da mesa.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Jusmari Oliveira): Bom dia a todos, muito prazer em estar aqui acompanhando nossa presidente, que traz esta proposta maravilhosa e linda para nós. Lugar de mulher é onde ela quiser, ela sempre disse, ela só tem esse defeito, troca o nome de todo mundo, é assim direto: “Magalhães” por “Guimarães”, “Oliveira” por “Ferreira”, e assim vai.

Então, com a palavra a presidente da Comissão dos Direitos da Mulher na Assembleia Legislativa da Bahia, essa deputada que vem fazendo um trabalho magnífico e que orgulha a todas nós, suas colegas. Nós, que tínhamos compromissos inadiáveis no interior do estado nesse período, fizemos questão de ficar aqui para prestigiar as mulheres determinadas que entendem que futebol é, sim, um esporte de mulher.

Eu fui, deputada Olívia, a primeira mulher a pisar, oficialmente, o gramado do Estádio Geraldão, em Barreiras, numa briga com o prefeito, na época, porque time feminino não entrava no estádio, só jogava na periferia. Eu fiz o campeonato feminino de Barreiras, o primeiro, e levei meu time, Colégio Padre Vieira, para dentro do Estádio Geraldão. Futebol é um esporte maravilhoso para todos, independente do nosso sexo e da nossa condição.

Com a palavra a deputada Olívia Santana. (Palmas, muitas palmas)

A Sr.^a OLÍVIA SANTANA: Obrigada. Obrigada, deputada Jusmari, obrigada a todas e todos que transformaram esta sessão numa realidade.

Eu fui muito criticada pelo período, o momento em que esta sessão acontece, porque nós estamos na semana das festas juninas, mas eu entendo que esse é um tema que não podia mais ser adiado. Esta Casa vai entrar em recesso em julho, e se não fizessemos agora, somente em agosto poderíamos, novamente, pautar esse tema aqui.

E eu, de fato, fiz questão de que nós aproveitássemos o momento em que a Copa do Mundo de Futebol Feminino está acontecendo porque este tema deixou de ser um tema de debate apenas entre os clubes de futebol, passou a ser um tema da sociedade brasileira.

Se a copa, esses grandes meios de comunicação, compraram o direito de transmissão da copa feminina, significa que este é um tema importante, é um tema que faz girar recursos, e, portanto, nos interessa ser parte desse debate, ser parte dessa discussão e dar visibilidade à situação dos clubes no nosso estado.

A nossa ideia é, entendendo a importância de lutar por direitos iguais para as mulheres em todas as áreas da vida social, também fazer o debate sobre a presença da mulher no futebol, a presença da mulher em campo, fazendo o jogo de futebol, que é uma paixão nacional, que é algo que mobiliza todo o país, e não só o país, mas o planeta. O futebol é um dos esportes mais... talvez o esporte mais mobilizador que existe no mundo.

Portanto, nós temos que entender a importância de disputar essa narrativa e, mais do que disputar a narrativa, disputar investimentos no futebol, especialmente na base do futebol feminino. Quando a gente vê o desfile da seleção brasileira em campo, e as pessoas se põem diante da TV para torcer, para xingar, para reclamar de um passe mal dado, para vibrar na hora que a bola entra na rede, que se faz o gol, é preciso entender toda uma cadeia que está por trás de tudo isso. É preciso entender que, antes de chegar naquela seleção, tem toda uma história de cada mulher que passa a tocar na bola, que conseguiu vencer uma série de barreiras para chegar até aquele estádio, para chegar a ser selecionada para participar de uma copa do mundo.

Portanto, essa história tem a ver com essas mulheres, essas meninas – do ponto de vista da idade porque são jovens – que estão aqui, mas não as meninas para quem muitas vezes, Dilma, a referência é feita no sentido de minimizar, de tornar menos importante o futebol feminino. E nós precisamos falar sobre isso. Por que o futebol masculino é narrado como o dos grandes atacantes, dos guerreiros, daqueles homens viris que entram em campo, disputam a bola, que são campeões, que ganham salários milionários? E na hora do futebol feminino, quando são as meninas que estão em campo, muitas vezes são meninas minimizadas na narrativa, no sentido de tornar menos importante essa modalidade do esporte, do futebol, que é a modalidade do futebol feminino?

Eu fiz questão de trazer a esse debate a deputada Jusmari, deputada Maria del Carmen, que são parceiras, são mulheres extremamente comprometidas... Eu saúdo as dez mulheres desta Casa. Quando nós apresentamos essa proposta na comissão da mulher, todas aderiram a esta pauta, entendendo a importância. Algumas não estão aqui

porque estão no interior, estão visitando as suas bases, e nós não podemos, portanto, deixar de destacar também a relevância do trabalho delas, onde quer que elas estejam.

Mas eu fiz questão de trazer ao debate essa pesquisa que foi apresentada pela Agência Brasil, publicada em 2018, que diz que o estudo foi feito... Primeiro, faz referência ao estudo feito pelo Sindicato Internacional dos Jogadores de Futebol, o FIFPro, que apontou que 49%, Sr. Lessa, das mulheres que praticam esse esporte não recebem salários. Quarenta e nove por cento das mulheres que praticam futebol feminino não recebem salário! E que 87% encerrarão a carreira antes dos 25 anos.

Portanto, uma mulher como Formiga, que atravessou a linha dos 40 e continua jogando, é, de fato, um brilhantismo que só uma baiana pode ter. (Palmas) Eu tenho certeza que Dilma Mendes falará com muito mais propriedade do que eu sobre a importância desse fenômeno que é Formiga no futebol brasileiro e no mundo inteiro.

Lauro-freitense, o nosso secretário Wilson, que eu também... Não tem mais cadeira, não é? Mas eu queria pedir que, ao secretário de Esportes de Lauro de Freitas, Wilson, e a todos os secretários que estão aqui, que a assessoria nos ajude também a acomodá-los, de maneira orgânica porque nós precisamos, de fato, contar com a parceria de cada um deles não só para o debate, mas para todo o trabalho que nós vamos realizar daqui para a frente.

Então (Lê) “(...) 49% das mulheres que praticam o futebol feminino não recebem salários, e que 87% encerrarão a carreira antes dos 25 anos...” Também, de acordo com a Agência Brasil, (Lê) “1% das jogadoras cobra salários iguais ou tem o poder de cobrar salários maiores que R\$ 29 mil. Já 9% recebem entre este valor e R\$ 7 mil. Já 30% recebem entre R\$ 7 mil e R\$ 2 mil. Os outros 60% têm remuneração que vai de zero a R\$ 2 mil.”

Então é uma situação, é um desastre do ponto de vista econômico, do ponto de vista salarial, porque nós não podemos ver o futebol feminino como uma diversão. Não é uma brincadeira das meninas, não é um joguinho das meninas, é um esporte profissional. As mulheres que enveredaram pelo futebol, contrariando esse decreto absurdo, esse decreto misógino do Getúlio Vargas, de 1941, as mulheres que contrariaram isso, que teimaram em jogar futebol, em calçar a chuteira e mostrar que têm, sim, a bola no pé, são mulheres que resolveram disputar esse nicho do esporte. São mulheres que resolveram chegar e dizer: “Eu quero ser jogadora de futebol!” porque lugar de mulher é mesmo onde ela quiser.

Portanto, é preciso reconhecer o trabalho do futebol feminino como um trabalho, como um ofício, como uma profissão, superintendente Vicente Neto, que eu tenho certeza que será, que é, um parceiro dessa agenda junto conosco. É uma profissão digna, necessária.

Nós temos que entender que a mulher é metade da humanidade, mais da metade da humanidade. E a outra metade não existiria sem o nosso útero, sem o nosso ventre, se nós não colocássemos os homens no mundo. Portanto, precisamos de um necessário ajuste de contas.

Nós não podemos ter essas mulheres pedindo, passando o pires para poderem existir. Nós precisamos garantir dignidade no universo do futebol feminino para que

essas mulheres possam projetar as carreiras, para que a gente não possa viver apenas do elogio à nossa bola de ouro, que é a nossa grande Marta. Mas tem muitas Martas aqui precisando de oportunidades, precisando de investimento, precisando que os seus caminhos se abram. E para se abrirem, é preciso remover as pedras do racismo, do machismo, da misoginia. (Palmas) Nós temos que garantir porque o maior obstáculo de uma jogadora não é a outra jogadora, o maior obstáculo de uma jogadora é o machismo, é a barreira do machismo. Os homens disputam entre si os holofotes, os grandes patrocínios, mas eles sabem que não há obstáculos ao talento deles que sejam obstáculos de gênero. Esse obstáculo de gênero só existe no caminho das mulheres.

Portanto, é sobre isso que nós queremos debater aqui. Nós queremos desnudar esse universo do futebol feminino, nós queremos estabelecer um debate franco, criativo, inventivo, mas, sobretudo, um debate que foque na realidade vivenciada pelos diversos clubes de futebol feminino que existe em nosso estado.

Portanto, a Bahia, que é esse celeiro de talentos, esse celeiro de grandes figuras que se destacaram, não somente Formiga, a própria Dilma Mendes... Eu conversava uma vez com Meg, uma grande goleira de futebol feminino, e ela dizia... Ela não é baiana, é mulher, branca, loura, do Sul do Brasil, e ela dizia: “Eu não entendo porque é que a Bahia não dá a Dilma Mendes o pódio que ela precisa estar garantindo o talento que essa técnica de ouro tem.” E eu disse para ela: “Ela fez uma opção de viver na Bahia, ela fez uma opção de estar aqui conosco. É uma mulher negra, nordestina, baiana que não largou, não abandonou a Bahia para ir para o Sul ou para o Sudeste para disputar um lugar ao sol.” Enfrentaria todas as dificuldades? Enfrentaria, mas talvez ela tivesse toda essa capacidade, inteligência, competência, vivência, experiência larga... Foi Dilma que descobriu Formiga, e não só Formiga, outras figuras, e ela poderia, portanto, estar numa condição diferenciada. Mas ela está aqui, vivendo do futebol, lutando diuturnamente, passando muitas vezes de maneira anônima nas ruas de Salvador, de Camaçari, de Lauro de Freitas, onde quer que o futebol feminino esteja, ela lá estará. E a gente sabe que essa mulher é uma guardiã desse esporte. Portanto, eu aproveito também o momento desta sessão para homenagear com essas palavras esse ícone que é a técnica Dilma Mendes para o futebol da Bahia. (Palmas)

Levante, Dilma, levante! Levante, que você é um exemplo de força para todas essas mulheres, essas jovens que estão aqui. Você merece os nossos melhores aplausos, o nosso reconhecimento! Não é placa, não é medalha, tudo isso você já ganhou, mas é as pessoas saberem, de fato, quem é você! (Palmas)

E eu te agradeço, eu disse que nunca largaria as suas mãos e eu não vou largar jamais. Principalmente agora que a gente conseguiu entrar nesta Casa. E eu não largo esse osso, eu fico fazendo sessão, audiência, é um monte de coisa que a gente realiza aqui, porque eu estou muito feliz de estar aqui. Porque eu sei o papel que uma Casa como esta tem na vida da gente. É muito importante a gente ocupar espaços de poder e disputar, nesses espaços de poder, a visibilidade que nosso povo precisa ter. Nós temos que tirar as nossas pautas do anonimato. A gente tem que botar, de fato, a cara no sol, como o povo do pagode canta. É por isso que a gente está aqui agora. Qualquer espaço, qualquer brecha, Ângela Guimarães, que a gente tenha, Ayana, para botar,

assim, a nossa pauta, a gente tem que botar. Transformar brechas em janelas, janelas em portas, depois arrebentar todas as portas, porque a gente precisa, gente, construir um mundo de igualdade. Isso não pode ser uma pauta importante somente para mim, para Dilma ou para as mulheres que vivenciam a opressão de gênero.

E eu vou falar essa palavra: “gênero” Pronto, falei! Eu vou falar muitas vezes isso aqui porque a gente vive hoje, infelizmente, eu quero finalizar dizendo isso, um momento extremamente obscurantista no Brasil. Um momento em que o Ministério do Esporte evaporou, que as políticas públicas para o esporte desmoronaram, um momento em que a vida social, a civilidade está em risco no Brasil, um país onde agora só se fala em armas, um país de um obscurantismo religioso. Cada um pode ter a religião que quiser ter, o que não é honesto, o que não é possível é impor a sua religião, a sua crença religiosa, seja ela qual for, ao conjunto da sociedade. É querer empurrar goela abaixo consignas que são da sua referência religiosa, porque o que rege a nação é a Constituição de 1988. E esse livrinho, principalmente o art. 5º dessa Constituição, trata dos direitos fundamentais, que determinam que todas nós e que todos nós somos iguais perante a lei, é isso que tem que reger a vida pública e a vida privada neste país. É em nome da Constituição que nós realizamos esta sessão, porque nós não queremos mulheres subalternas ao jugo dos homens, nós queremos uma sociedade, efetivamente, fraterna.

Quando eu me defino como uma mulher feminista eu me defino como uma mulher que quer a emancipação plena de toda esta sociedade. Feminismo significa defesa de direitos iguais entre homens e mulheres e é desse bicho-papão que muitos têm medo, porque quando o feminismo e quando a igualdade de gênero não estão na tela, não estão regendo as relações sociais a opressão de gênero está, e é ela que garante que homens ganhem mais do que mulheres, é ela que garante a violência contra as mulheres, é ela que garante que muitas mulheres jornalistas que estão no mundo esportivo sofram *bullies*, sofram situações de piadas inadequadas, sejam destratadas, sejam subestimadas, porque não é o talento das mulheres, a inteligência, a competência, a capacidade que está em foco, o que está em foco numa sociedade misógina, numa sociedade desqualificadora das mulheres é o corpo da mulher, é a ideia de que o corpo vale mais do que a mente, de que corpo erotizado, sexualizado, objetificado é muito mais importante do que talento, do que ter bola no pé, do que ter capacidade de jogar um jogo limpo, de ganhar medalhas, de ganhar troféus, de se profissionalizar não só no futebol, não só no esporte, mas em todos os campos da vida social.

Então, eu declaro, portanto, as minhas esperanças de que esta sessão nos unifique ainda mais, que esta sessão crie um ideário, ajude a qualificar ainda mais um ideário de igualdade, que possa servir de referência para políticas públicas. Que essa agenda seja abraçada pela deputada Jusmari, que essa agenda seja abraçada pela deputada Maria del Carmen, sim, mas que ela seja, sobretudo, abraçada pelos 63 deputados que fazem parte desta Casa e que foram votados por homens e, sobretudo, por mulheres. Se as mulheres não votarem, a eleição vai ficar extremamente comprometida. Então, se poder é bom, as mulheres também querem ter poder, o poder da igualdade.

Tudo de bom. Está aberta a nossa sessão, muito obrigada pela presença de vocês.
Palmas

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Jusmari Oliveira): Convido a deputada Olívia Santana a retornar ao lugar da presidência desta sessão especial de Políticas de Valorização do Futebol Feminino na Bahia.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Com muita honra, eu convido a nossa técnica, Dilma Mendes, para fazer uso da palavra. (Palmas)

A Sr.^a DILMA MENDES: Bom dia a todos, me pegou bem de surpresa. É muito mais fácil eu estar na beira do campo do que aqui, isso eu garanto para vocês e as atletas que estão aqui sabem disso. Quando a deputada Olívia convidou o futebol feminino para uma sessão como esta, a primeira coisa que a gente imagina é vir para cá e ouvir de novo o blá-blá-blá. Eu preciso estar aqui sendo Dilma Mendes, que há alguns anos teve que se esconder da polícia para jogar futebol, teve que comprar bola, camisas e lavar roupa, e se esconder como tantas outras aqui.

Então é importante a juventude do futebol feminino da Bahia estar aqui para saber que Dilma, as veteranas do futebol feminino que estão aqui presentes... eu queria pedir permissão para que se levantassem as veteranas, Rosana Vigas, Cristina, vamos Rose, por favor. É graças à luta dessas atletas que estão aqui sendo representadas, não só por mim, que a gente consegue hoje avançar um pouco. Eu costumo dizer que o futebol feminino ainda dá passos lentos no Brasil e esta é uma sessão especial realmente, porque ela vai trazer de fato ideias e ações. A gente já viu aqui as ações que vão caminhar este ano com o futebol feminino.

Eu queria também falar sobre gestão do futebol feminino. Nós temos uma gestão que desconhece os principais problemas da modalidade, porque tem poucas atitudes. As ações que tiveram por aqui foram mais em consequência de exigências da FIFA e da Conmebol. Nós sabemos hoje que os clubes profissionais têm um departamento feminino, um clube feminino por questões de imposição da FIFA e da Conmebol. Então avançamos, mas avançamos muito pouco. Nós precisamos realmente de políticas afirmativas.

Quando se fala da mulher na gestão do futebol sempre se reforça o discurso de que não basta ser mulher, precisa ser competente. E com isso todas nós concordamos. Mas por quê? Aí vem a indagação, não é? Mas o que faz com que um gestor sem qualquer experiência no futebol seja mais competente? Nós vimos uma seleção brasileira que vinha de resultados negativos e que em qualquer outro momento se fosse uma mulher já teria sido demitida, e continuamos com essa gestão. Para onde nós vamos? Na Bahia e no Brasil faltam competições de base.

Eu preciso ressaltar a sub-17, do projeto Camaçari, que está aqui presente, são meninos de 12 a 17 anos que estão aqui presentes, a gente precisa exatamente disso. Não se vai fazer o desenvolvimento, a visibilidade e a substituição de atletas nem renovação da seleção se a gente não tiver a base. Poucos sabem que a Seleção Brasileira sub-20 até hoje, na CBF, não tem treinador. A gente sabe que a divisão de base da

seleção brasileira não teve bons resultados e a gente não pode ter resultado na principal. Há falta de competições e estrutura para desenvolver meninas desde cedo, um calendário ainda muito deficiente não só na Bahia, mas no Brasil. Poucos sabem que hoje nós temos 3.600 jogadoras de futebol feminino formalmente registradas, é muito pouco para um Brasil do país do futebol. E a solução de verdade é quando é bom para todos, a verdade tem que ser dita.

Não vim preparada para falar, é uma honra para mim, pela primeira vez, nascida em Camaçari, chegar aos 56 anos e poder ter este espaço para dizer que nós continuamos na luta quando eu pedi a mão da deputada, ajude o futebol feminino, ajude a Bahia, com calendários mais prolongados para que os clubes possam investir no futebol feminino, que ajude São Francisco do Conde, porque é uma potência no futebol feminino, o Lusaca, o Bahia que hoje se juntou ao Lusaca, o Vitória, porque nós precisamos de três equipes representando o nosso estado, porque lá fora é muito difícil para quem é nordestino, para quem é negra, para quem é mulher e para quem é treinadora.

Então, a gente precisa, realmente, dar as mãos e fazer algo pela Bahia porque se a gente consegue fazer algo pela Bahia a gente está fazendo pelo Brasil do futebol feminino e foi assim com Formiga. A gente prefere dizer que Formiga saiu de um projeto, ela saiu do Lobato, hoje a família dela mora em Areia Branca, em Lauro de Freitas, e não foi fácil. As pessoas dizem assim: “Como é que Formiga chegou aos 41 jogando?” É DNA que o baiano tem, só na Bahia tem! (Palmas)

Mas a gente não pode só pensar na Formiga, neste momento, nós temos que pensar em todas as atletas que hoje tiveram uma escolha, como eu, de ficar na Bahia, de morar em Camaçari e dizer ao Brasil que a Bahia, que Camaçari, que o interior pode sim dirigir uma seleção brasileira.

Então, eu precisei chegar aos 56 anos para ser convocada para a seleção brasileira feminina, e o detalhe, eu fui convocada para a seleção brasileira feminina dirigindo uma equipe masculina, no Campeonato Brasileiro. Então, eu não ia ter esse espaço no masculino, mas confesso a vocês que a minha busca, é primeiro ser treinadora da seleção brasileira masculina, sim. (Palmas)

A gente queria, neste momento, em nome do futebol feminino, agradecer a todos, à deputada, e finalizando, dizer que a solução, na verdade, do futebol feminino é quando é bom, mas quando é bom para todos, parcerias, conexões, transparências, atitudes humanas, oportunidades e a escolha que eu fiz de continuar morando em Camaçari, lutando pelo futebol feminino e por seu desenvolvimento no estado da Bahia.

São algumas palavras fortes e presentes, que precisamos estar aqui, neste momento e neste encontro, falando e dizendo, porque a vida trouxe este encontro para fazermos melhor do que fizemos até agora em relação às atletas do futebol feminino da Bahia serem respeitadas e serem cuidadas. Que os clubes deem a esse grupo de atletas o melhor lugar para treinar. É muito fácil ir para um clube e dizer que se está num clube de camisa, e treinar em outro lugar sem as mínimas condições, é isso que nós vivemos não só aqui na Bahia, mas no Brasil. (Palmas)

Por que não a gente estar treinando, falo de as atletas estarem treinando no CT? Por que não ganhar à altura do que merecem? A gente não pode mais estar vivendo de títulos individuais. A gente tem a Marta, a Formiga, a Cristiane, mas a gente precisa trabalhar o coletivo, a gente precisa de um título brasileiro, de um título mundial, mas, para isso, é preciso que a gente esteja sintonizada. E essa ligação do poder da federação, da Assembleia Legislativa, juntamente com todos aqueles que podem fazer a diferença no futebol feminino, é por isso que eu estou aqui e acredito nisso, porque, quem me conhece, sabe, a gente já teve vários convites, e a gente não vai, porque a gente só escuta aquilo que todos já sabem.

Eu tenho visto hoje realizações de um projeto social no futebol feminino na Bahia, mas precisamos trabalhar essa política estadual de futebol feminino, para que todos tenham oportunidade e escolha, a gente precisa ter essa escolha.

Então, neste momento eu queria, de coração, agradecer a todos a oportunidade, e dizer para os homens também que é importante vocês estarem aqui e gostarem do futebol feminino e respeitarem o futebol feminino. Nós não somos contra vocês, nós queremos vocês como aliados, respeitando esse trabalho. (Palmas)

E a nossa deputada Olivia, de coração, me pegou de surpresa. Queria muito agradecer este momento. Um dia histórico para mim, particularmente, mas um dia histórico para o futebol feminino da Bahia.

Obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olivia Santana): Obrigada, Dilma Mendes. Eu falei de coração, me emocionei também muito.

Quero agora também destacar aqui a presença de toda a diretoria do Clube São Francisco do Conde, nosso querido Donato Conceição, presidente; Anailson Gomes, diretor de futebol; José Jorge, diretor de comunicação; André Luiz, presidente do conselho deliberativo; Antônio, vice-presidente administrativo-financeiro. Daqui a pouco vai fazer uso da palavra uma representação para entregar um documento. A gente daqui a pouquinho chama vocês.

(Intervenção fora do microfone.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olivia Santana): Nós temos uma jogadora do São Francisco do Conde aqui na Mesa que vai falar, primeiro as mulheres que vão falar, como estamos falando. A sessão está atenta, nós não vamos esquecer jamais, muito pelo contrário. Fizemos questão de compor a Mesa dando voz às mulheres prioritariamente. O.k.?

Então, com muita honra, quero chamar para fazer uso da palavra essa mulher que é apresentadora e jornalista para que ela, também, possa falar sob a perspectiva da comunicação no futebol feminino. Eu convido a nossa querida Ayana Simões, jornalista e apresentadora da TVE para fazer a sua fala nesta sessão. (Palmas)

Enquanto Ayana se dirige quero também registrar as árbitras presentes: Rosana Vidas, Ineildes Calheiros e Laura Rodrigues. São grandes árbitras do futebol feminino aqui presentes. (Palmas)

A Sr.^a AYANA SIMÕES: Bom dia a todos e a todas, bom dia a toda Mesa. Primeiro, eu queria dizer que é uma honra, um orgulho estar aqui, diante de tantas meninas que sonham em ser jogadoras, depois de uma Copa do Mundo que eu sei que para muitas foi frustrante, mas com toda compreensão que a gente tem da realidade e do momento do futebol, foi um resultado, de certa forma, pelo menos na minha opinião, previsível, diante de algumas coisas que eu trouxe. Vou encurtar minha fala um pouquinho, porque daqui a pouco, gente, eu tenho um programa ao vivo e vou correndo lá para *TVE*.

Vou tentar ser breve para poder falar um pouquinho do que acontece em relação à comunicação, ao fortalecimento do produto que é o futebol feminino, a Copa do Mundo e outras competições que acontecem, por isso eu vou falar um pouquinho, também, da *TVE*. Antes de qualquer outra emissora aberta, de canais fechados transmitirem uma partida de futebol, a *TVE*, em 2017 transmitiu a primeira final do estadual. Então, algumas pessoas aqui acompanharam, viram, outras participaram seja como técnica, como jogadora, ou como comentarista, como foi Dilma. E é muito curiosa essa relação que a gente construiu de amor e de amizade, eu e Dilma, porque eu lembro até hoje que quando a gente foi montar a equipe de transmissão a gente precisava de comentaristas, apresentadoras, narradoras, e a gente não achava. E num *Cartão Verde* desses da vida eu estava com Beijoca Filho, e falei: “Pô, vocês conhecem alguém que possa comentar futebol feminino?” E ele sugeriu Dilma: “Vou te passar o contato.” Depois daí existiu essa visibilidade que a deputada falou, essa construção de um personagem. Depois Dilma foi para outras TVs, deu muitas entrevistas. Antes não existia esse protagonismo feminino em televisão, rádio, TV, meios de comunicação.

Então me sinto muito orgulhosa de fazer parte de uma emissora pública que abriu espaço para uma competição feminina quando todo mundo achava que era um produto fraco. Fraco porque, tecnicamente, mulher não sabe jogar bola como homem, mas menina tem que jogar como menina, garota tem que jogar como garota. E não existe comparativo. (Palmas) Comparar o futebol masculino com o futebol feminino não existe. (Palmas)

Então, o que acontece? Sim, precisa de uma maturação das atletas em função da falta da categoria de base em muitos clubes, em função de falta de investimentos, de apoio, sim. E eu falo com uma certa esperança de quem acompanhou, durante alguns anos, por um pouco mais de uma década. Eu vi uma grande evolução. Isso me traz uma grande felicidade em ver que, hoje, tem tantos times quando eu, em 2009, cobria o São Francisco. Não tinha Vitória, não tinha Bahia, não tinha outro time. Minha primeira entrevista foi com Mário Augusto que era técnico de São Francisco.

Hoje, estou vendo um monte de meninas de vários times. Isso me deixa tão feliz e tão animada em saber que vou cobrir e vou participar. Eu, raramente, vou para a rua agora, porque eu tenho outras atribuições. Mas fiz questão de fazer a final do futebol feminino como repórter de campo para estar perto de vocês, para ver o que é aquele

momento de vocês, para poder ver que evolução é essa, que crescimento é esse. Então eu fico muito feliz por tudo isso.

Só para falar um pouquinho sobre o produto futebol feminino, produto Copa do Mundo. Eu dei uma pesquisada sobre algumas coisas, sobre, por exemplo, por que a seleção brasileira, apesar de ter sido heptacampeão na Copa América... Eu lembro que, inclusive, em alguns grupos que a Dilma faz parte, o pessoal comentava: “Ah! Mas ninguém noticiou a seleção feminina de futebol como heptacampeã da Copa América!” Aí, eu falei: “A gente noticiou. Mas será que vocês veem a TVE?” Esse foi o questionamento que eu fiz.

Então, muitas vezes, a gente está, lá, sendo a vitrine para muitas coisas. Às vezes, as pessoas não estão acompanhando, pois acompanham outras emissoras. Elas acham que elas não estão no protagonismo em algumas emissoras e em alguns meios de comunicação.

Então, a gente sempre buscou dar esse espaço de visibilidade vitrine, justamente para fortalecer um produto que é o futebol feminino para, justamente, fazer entender àquele espectador e àquele telespectador que existe um futebol diferenciado que é o nosso futebol feminino, pois são mulheres em campo com a plasticidade delas, com a força física característica delas. Vejam, há a questão de falar que é diferente e, por isso, não se vai assistir.

Por que estão assistindo agora?

E, aí, entra o meu lado da comunicação. As pessoas estão assistindo ao futebol feminino agora, porque entenderam ser um produto forte, um produto para se investir. Dá para se criar a cultura de você acompanhar o futebol feminino que foi criado para o futebol masculino.

Então, como produto, e, aí, eu trago alguns exemplos dessa questão da equidade de gênero, que é o que a deputava falava, que é uma das coisas que a gente precisa buscar mesmo. Então, dentro da questão da equidade de gênero, há algumas marcas. Por exemplo, a Adidas fez uniformes exclusivos para as equipes que ela patrocina, e igualou a premiação do feminino que é oferecido aos times masculinos.

A gente sabe da distância financeira da premiação numa Copa do Mundo entre o futebol masculino e feminino. A diferença é de US\$ 38 milhões. Quanto as mulheres vão ganhar? Quanto vão ganhar as campeãs, agora, da Copa do Mundo de Futebol Feminino? Vocês sabem? Quatro milhões!

Logo, é uma diferença muito absurda e muito grande. Então, é desmotivador? É. Mas é isso que mostra a força que tem a mulher: a da superação, a de estar linda e independente de qualquer diferença.

E, aí, outras marcas que apoiam o futebol feminino entenderam que deve existir a equidade de gênero e, por isso, começaram a fazer outras ações. Há 18 anos, Guaraná Antarctica patrocina a seleção brasileira. Agora, começou a patrocinar a seleção feminina também. E, aí, ela lançou uma campanha *É Coisa Nossa*. Começou a colocar as mulheres nas ações comerciais. Eles, justamente, falam na campanha sobre não ter dado esse protagonismo a elas. Então isso começa a fortalecer um produto.

Há o Boticário. O que acontece em Copa do Mundo dos homens? Muitas empresas param no momento do jogo para você assistir. Por que não pode fazer isso com a Copa do Mundo de Futebol Feminino? Tem alguma explicação? Não tem! Então o que a Boticário fez? Horários flexíveis durante a Copa do Mundo para todo mundo para verem as meninas jogando. Isso é um reconhecimento, é uma valorização e é uma criação de audiência para a modalidade.

Quanto à empresa Nestlé, todos os 10 andares do prédio da Nestlé, em São Paulo, foram colocados os monitores para as pessoas acompanharem os jogos femininos. Então, tudo isso faz com que você tenha acesso àquele conteúdo e a fortalecer aquilo tudo.

A outra coisa que tem a ver com a questão de equidade de gênero é a atitude de algumas jogadoras craques falarem que não vão jogar a Copa do Mundo, porque não vão ganhar a mesma coisa que determinado jogador e por isso se recusam a jogar. Então, determinados comportamentos e posturas de enfrentamento e de empoderamento feminino são tomados e isso tem feito a diferença. O feminismo tem feito a diferença, também, na valorização do futebol feminino.

Fica, aqui, a minha torcida para o produto futebol feminino da Copa do Mundo de Futebol Feminino e do campeonato estadual. Esse último é outro problema que vocês têm por causa do calendário. A gente está cobrindo, agora, a Copa do Mundo.

E, daqui a pouco, a gente vai cobrir o quê? Tem estadual. Mas e aí? Tem estadual das categorias de base? A CBF, agora, vai ter o Campeonato Brasileiro das Categorias de Base. Mas demorou muito tempo para isso acontecer.

Vejam, há mais de uma década, em outros países já estavam maturando as atletas e os esportes. Os Estados Unidos fazem disto uma cultura escolar e universitária, ou seja, no colégio, você começa a jogar futebol. Digo isso porque, na minha época, minha gente, você não jogava futebol não, você jogava baleado. Mulher jogava baleado e menino jogava futebol.

Se isso já começa como mentalidade nas escolas e nas universidades, sejam particulares ou públicas, porque você tendo apoio na universidade para você praticar o esporte, para você poder jogar futebol, tudo é diferente. A maturação de vocês é diferente. O aprendizado de fundamentos é diferente, a questão muscular, a questão de preparo físico.

Muita gente notou o preparo físico da seleção brasileira diante dos Estados Unidos, França, Alemanha. Se você assiste aos jogos, você vê a disparidade que é. Mas isso tudo é investimento como investimento em categorias de base para que meninas, acima de 14 anos, possam ter acesso a uma estrutura adequada, ter acesso a investimentos como uniforme, fisiologia e tudo o que o futebol masculino tem direito. Isso permite a evolução das atletas.

A gente torce para isso acontecer o quanto antes, a fim de a gente estar na comunicação e nos meios de comunicação para mostrar toda essa evolução. Infelizmente, a gente vê que existe um atraso muito grande para outros países. Mas há tudo o que a gente puder mostrar. Eu falo isso muito. Às vezes, a gente vai convidar Dilma, Solange ou tantas outras meninas. Algumas meninas do Vitória já foram, lá, dar

entrevista para a gente sempre falar da evolução, do que precisa melhorar sem lamentar o passado. Qual é a ideia? É a de reforço de uma mentalidade positiva de tudo que pode mudar.

Então a gente tem as transmissões dos estaduais e das finais dos estaduais. Quando a gente coloca uma pauta, como a deputada falou, que precisa pautar o futebol feminino, a gente ouve, às vezes, o seguinte: “A gente, agora, é assessoria do futebol feminino?” Ah, mas todo dia a gente não coloca o futebol masculino? Por que não colocar o feminino todo dia? Todo dia vai ter uma pauta.

Ontem, a gente estava falando sobre a mudança do mando de campo do Vitória, que vai jogar em Mata de São João. Tudo isso precisa de dinheiro, principalmente, para economizar o dinheiro da CBF que são R\$ 10 mil que eles têm para poder guardar e investir em outras coisas no Vitória.

Então tudo isso é muito triste. Infelizmente, a gente tem que dar essas notícias no dia a dia no esporte. Mas a gente quer dar outras notícias como, por exemplo, o Brasil ser campeão da Copa do Mundo, pois o Brasil tem outros títulos expressivos.

E eu me coloco à disposição para estar a serviço de vocês, a serviço da sociedade para isso melhorar. Espero que, lá, à frente, a gente tenha muitas conquistas a comemorar.

Obrigada. (Muitas palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Nós é que lhe agradecemos, Ayana, pela sua brilhante contribuição a este debate.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Antes de chamar o próximo orador, eu quero destacar a presença de Fernanda Souza (palmas), gerente de comunicação da Bahiagás, empresa de capital misto, seja bem-vinda; de Sinval Vieira (palmas), coordenador de Excelência Esportiva da Sudesb, também conversamos sobre esse tema e, daqui a pouco, ele vai contribuir; de Marcos Alcino (palmas), vereador de São Sebastião do Passé, seja bem-vindo; de Valdeci Maria de Jesus (palmas), diretora do Arvoredo Futebol Feminino, muito bem, e obrigada às mulheres do Arvoredo presentes; e de Denilson Oliveira Souza, representante do Galícia Esporte Clube. Seja bem-vindo, Galícia.

A deputada Maria del Carmen já ficou animada. Fala em Galícia, ela lembra, logo, das suas raízes espanholas. Centro de Formação de Futebol da Bahia Galega.

Registro as presenças do professor Quinho (palmas), do Centro de Formação de Futebol da Bahia, muito bem, porque é um batalhador também; de Edinilson Pereira (palmas), diretor do Instituto de Esporte Cidadania e Inclusão Social, do bairro de São Gonçalo; de nossa Lívia Ferreira (palmas), presidenta da UNA-LGBT, que é atleta e atriz também, uma grande colabora desta sessão; de Donato Conceição, presidente do São Francisco do Conde Esporte Clube, a quem já fiz referência; e de Edno Conceição Santos (palmas), presidente das Misturadas.

Daqui a pouco, eu falo os demais presentes.

Depois de ouvir essas vozes que já se manifestaram, eu gostaria, também, de ouvir a palavra do vice-presidente da Federação Baiana de Futebol, Sr. Manfredo Lessa (palmas), para que possa contribuir com o debate. A Federação é o principal órgão, o órgão mais importante da estruturação do futebol na Bahia, para que possa também expressar os compromissos da Federação com o futebol feminino. (Muitas palmas)

O Sr. MANFREDO LESSA: Bom dia a todas e a todos presentes.

Eu queria iniciar minha fala saudando a deputada Olívia e, ao mesmo tempo, parabenizando. Gostaria de dizer, desde já, que o momento da convocação para esta sessão, não obstante o fato de estarmos ainda entre as festas juninas – São João e São Pedro –, é por demais importante, porque nós vivenciamos a participação da seleção brasileira feminina na Copa do Mundo. E conforme colocado pela apresentadora Ayana, foi uma participação que nos encheu de orgulho.

Eu quero, em nome da deputada, saudar todos os demais membros e integrantes, mulheres e homens, da Mesa e todos e todas presentes.

Eu quero dizer, deputada, que, neste momento, o que nós precisamos entender é que o futebol – e aí eu falo do futebol como um todo, não só do futebol feminino, mas também do futebol masculino – ele precisa passar por um processo evolutivo.

Então, se nós formos fazer um relato histórico do que é ou do que foi o futebol brasileiro, a Confederação Brasileira de Futebol é sucessora da Confederação Brasileira de Desportos, que, por sua vez, é sucessora da Confederação Brasileira de Sports – Sports, com “s”. Ou seja, o esporte, no Brasil, era tratado de uma forma única.

Houve uma época, lá, na década de 1940, em que os presidentes das federações e o presidente da confederação eram nomeados pelo Estado. Ou seja, em que pese se tratar de associações de administração desportiva, associações eminentemente civis, era o Estado quem nomeava e quem designava seus presidentes.

Então, o esporte, como um todo, veio evoluindo.

A CBF afastou aquela administração desportiva como um todo e unificou a administração para o futebol. E, hoje, nós temos a Confederação Brasileira de Futebol e a Confederação Brasileira de Futebol de Salão. Antigamente, também, havia uma unidade na administração dessas duas modalidades apenas pela CBF.

Então, iniciativas como a sua, iniciativas como a que foi colocada pelo secretário Davidson Magalhães, pelo Vicente, que também falará, mas que já teve a oportunidade de se manifestar a respeito disso, ajudam a evolução desse processo.

Voltando um pouco na história também, aí, do futebol masculino, o futebol, antigamente, era um esporte amador. A profissão do jogador de futebol não era reconhecida. O jogador do futebol era um patrimônio do seu próprio clube.

Antigamente, todo mundo já ouviu falar nessa expressão. Nós tínhamos o passe. O jogador, muitas vezes, encerrava a participação dele numa competição e não poderia se transferir para uma outra equipe, porque o passe dele era preso ao clube. Dentro de um processo evolutivo e dentro de um processo natural, a lei do passe foi extinta.

Então, hoje, o atleta ou o jogador de futebol profissional não pertence mais ao clube. Ele é o detentor dos seus direitos. Esse direito é cedido aos clubes. Encerrou o contrato, o atleta pode se transferir livremente.

Então, eu tenho certeza que isso vai acontecer com o futebol feminino.

Bem, quando a gente vê uma Copa do Mundo ser transmitida ao vivo por uma rede de televisão aberta, isso é um processo evolutivo! Quando a gente vê as pessoas pararem para assistir a um jogo de uma seleção brasileira feminina, isso faz parte de um processo evolutivo. E esse processo tem que ser construído no seu dia a dia.

Dentro da atividade da federação, que é uma Federação Bahiana de Futebol, ela não é uma federação baiana de futebol masculino. Eu pedi ao nosso Departamento de Competições que fizesse um resumo para mim para eu poder apresentar a vocês.

Desde 1984, a federação promove o Campeonato Baiano de Futebol Feminino. Então nós tivemos 30 edições desde 1984. Não houve a realização em 1992, 1996, 1997 e 2007. Apenas, o maior vencedor é o São Francisco do Conde com 14 títulos (palmas), de 2001 a 2015. Os vencedores estaduais, além do São Francisco, são o Vitória em 2016 e 2018; e o Lusaca, em 2017. O ano de 2019 já está em nosso calendário para a realização do Campeonato Estadual Feminino sem custos de inscrições. A Federação é quem banca os custos da competição no que toca às inscrições, à arbitragem e aos quadros móveis.

Agora, evidentemente, eu conversava com André Beijoca, aqui, antes da sessão começar, que o campeonato é caro para as equipes, porque, infelizmente, nós não temos patrocínio. Então o futebol, hoje, como um todo, se constitui em uma modalidade esportiva muito cara. E o futebol feminino não é diferente.

Eu, sempre, digo, nas minhas falas, quando tenho oportunidade de me manifestar publicamente, que os 11 jogadores ou as 11 jogadoras, dentro do campo, são, apenas, a ponta do *iceberg*!

Então, muitas vezes, há uma crítica, porque as grandes equipes não apoiam o futebol feminino. Mas o futebol feminino vai conquistar o seu espaço! Vamos hipotetizar o seguinte: hoje, as principais equipes do nosso futebol, o Esporte Clube Vitória e o Esporte Clube Bahia são obrigados, pela Lei n.º 13.155, a Lei do Profut, a ter investimentos em futebol feminino.

Hoje, infelizmente, precisou haver uma obrigação de natureza legal para que as equipes fizessem as suas parcerias e constituíssem as suas equipes de futebol feminino, os seus departamentos de futebol feminino.

Mas é uma realidade que não pode ser superada sob pena de saírem ou de deixarem de contar com a proteção legal do Profut. Para quem não sabe, o Profut é como se fosse –me faltou o nome agora – aquele programa de parcelamento de dívidas tributárias... Exatamente. Obrigado, Vicente. O Profut é como se fosse o Refis do esporte.

Então, a federação irá realizar, sim, neste ano, o campeonato estadual. E nesta nova gestão, na nova diretoria da federação – da qual tenho muito orgulho de fazer parte e que assumiu em janeiro deste ano –, nós temos como projeto fazer o campeonato

baiano intermunicipal de futebol feminino (palmas), porque entendemos que o campeonato intermunicipal é um produto mercadológico tão ou mais forte do que o campeonato baiano. Porque, enquanto no campeonato baiano da série A nós temos 10 equipes disputando, no campeonato intermunicipal, temos uma média de 64 ou 65 equipes, cada uma no seu respectivo município. Não permitimos a participação de mais de uma seleção por município.

Já tive a oportunidade de ir a diversas partidas do intermunicipal e é impressionante a força dessa competição. Então, estamos buscando patrocínios para o campeonato intermunicipal. Hoje, nós temos uma parceria forte com a *TVE*, que transmite ao vivo os jogos do campeonato intermunicipal. Por questões de natureza legal, a *TVE* não pode patrocinar financeiramente, por se tratar de uma emissora ligada ao Irdeb, mas apenas a transmissão ao vivo das partidas já dá uma visibilidade muito grande à competição. E nos contratos que nós temos com a *TVE*, com o Irdeb – acabamos de renovar esses contratos até 2020 –, há a transmissão, também, do campeonato feminino, como há do campeonato da série B do futebol baiano.

Então, isso tudo, deputada, no nosso modo de entender, faz parte, como coloquei, da evolução do futebol feminino. O futebol feminino, hoje, é uma realidade. Como foi colocado anteriormente, a CBF já está se adequando a dispositivos da FIFA, no sentido de montar as suas seleções femininas de divisão de base. E, da mesma forma que o futebol masculino, num determinado momento, foi essencialmente amador e hoje é profissional – porque o futebol se tornou um dos mercados, um dos produtos mais valiosos do mundo e a gente vê no nosso dia a dia as transações bilionárias e trilionárias dos jogadores de futebol –, eu tenho certeza de que o futebol feminino vai conquistar seu espaço. Agora, isso é um processo evolutivo, um processo de construção. Isso é um processo em que se precisa ter paciência e perseverança.

Então, com essas palavras, quero agradecer pelo convite feito à Federação Bahiana de Futebol. Eu defendo e entendo que a federação tem que estar presente em todos os eventos de futebol. E faço um apelo, deputada, para que a gente possa ter políticas públicas. E aí vou defender o futebol, porque é a minha praia, embora eu tenha exemplo aqui na Bahia de uma mulher... Vou fazer só um parêntese aqui. Num determinado momento, assessoriei a jornalista Selma Moraes, ela não está presente aqui e não tenho procuração para falar em nome dela, mas como ela é minha amiga e eu vivenciei a luta de Selma para carregar o automobilismo baiano nas costas... Muita gente não sabe disso, mas Selma foi responsável pela vinda do Stock Car para a Bahia, enquanto presidente da Federação Baiana de Automobilismo, que ela constituiu, porque foi desfilada da antiga Federação de Automobilismo da Bahia. Mas quero fazer esse parêntese apenas para registrar a força de uma mulher, de uma mulher baiana. Ela carregou o automobilismo baiano nas costas, foi responsável pela Fórmula Renault, que era disputada no Comércio. Então, esse é um registro importante também.

Infelizmente, ela não está mais na presidência da federação e essas competições deixaram de ser realizadas em Salvador, mas foi um momento importante da história desse esporte, que também teve sua evolução e que tem a construção de um

equipamento muito importante em São Francisco do Conde. Inclusive, o projeto é que se construa o autódromo aqui da Bahia.

Então, quero fazer um apelo, deputada, para que nós possamos ter políticas públicas voltadas ao futebol. Ao futebol feminino e ao futebol masculino. O futebol é muito carente de recursos, sobretudo as equipes do interior. Disputar competições de natureza profissional, hoje, é muito caro. Nós vemos aqui, por exemplo, como o Bahia de Feira tem sucesso. É porque a gente pode dizer que o Bahia de Feira é uma equipe que tem dono, tem um investimento particular. Mas os municípios precisam de políticas para incrementar as suas equipes. E aí leiam-se equipes masculinas e equipes femininas, porque nós temos, hoje, um combate diário contra a violência e contra o uso de drogas.

Ora, o futebol é o esporte mais popular do Brasil. É o esporte mais, digamos, amado pelo povo brasileiro. Então, creio que a administração pública, os governos, nos seus diversos níveis, podem olhar um pouco mais para o futebol como uma maneira de combater a violência, não na ponta, não através da polícia propriamente dita, mas na base, na construção do jovem, para poder afastá-lo do convívio da violência.

Muito obrigado e boa tarde a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, Sr. Lessa, vice-presidente da Federação Bahiana de Futebol, que deu essa importante contribuição. Quero dizer que nós também vamos nos engajar nesse movimento pelo campeonato intermunicipal, que com certeza vai ser muito importante para o desenvolvimento do futebol feminino na Bahia.

Quero saudar a presença de Juliana de Souza Camões, que é a nossa presidente da Comissão de Esportes da Ordem dos Advogados da Bahia (palmas), a primeira mulher a assumir essa pauta – são as mulheres desbravando e ocupando os espaços –; também registro a presença do nosso Augusto Vasconcelos, presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia (palmas); da nossa Alzineide Dionísio, que é a musa plus size do Vitória (palmas) e está aqui presente também.

Quero dizer, gente, que o Bahia foi convidado, confirmou presença, e nós não temos, até agora, a informação, a razão pela qual o Bahia não conseguiu chegar até aqui. Não está presente. Mas a Mamusca, essa mascote maravilhosa do Bahia – que não falta a nada, nem que ela vá andando, ela chega –, é membro do Conselho das Cidades aqui também. Mamusca, seja muito bem-vinda. (Palmas)

Agora, convido o nosso superintendente da Sudesb, Vicente Neto, para que ele possa fazer uso da palavra. (Palmas) Esse órgão tão demandado pelos movimentos esportivos dos mais diversos, e que para nós é um órgão estratégico do comando da pasta do Esporte no governo, que pode contribuir muito com as demandas aqui apresentadas.

O Sr. VICENTE NETO: Sr.^a Olívia Santana, proponente desta sessão, deputada estadual Maria del Carmen, vocês que integram a Comissão dos Direitos da Mulher desta Casa Legislativa; aos demais e às demais integrantes desta Mesa; a todas vocês

aqui presentes, nesta manhã de hoje; e aos homens que também vieram para esta importante sessão.

Queria dizer que estou muito satisfeito com a iniciativa de realização dessa conversa pública em função da importância que tem o esporte feminino para nós que militamos na área do esporte há muito tempo. Eu tenho muitos prazeres na minha vida, mas tenho um prazer especial, que é o de ter sucedido a secretária Olívia Santana à frente da pasta da Setre. Eu era o chefe de gabinete dela, quando ela era secretária de Estado. Depois tive a honra de receber o bastão dela e fiquei à frente da secretaria até que o secretário Davidson – que falou aqui no começo e teve que sair – pudesse assumir.

E digo isso com muito orgulho. Porque construímos juntos, nessa etapa em que convivemos à frente da secretaria, muita coisa na área do trabalho e na área do esporte. E ela sempre chamava a atenção da equipe – e depois manteve a mesma dinâmica – em relação ao olhar para o esporte. Nós fizemos, na nossa gestão, o primeiro Fórum Estadual de Políticas Públicas de Esporte e Lazer. Fizemos o primeiro fórum estadual de participação da mulher no esporte, não é Dilma? Que foi uma coisa grande, no Hotel da Bahia – que agora mudou de nome, mas eu prefiro continuar chamando de Hotel da Bahia, igual ao Iguatemi, que para mim vai continuar sendo Iguatemi. E foi um evento que juntou 600 pessoas, entre homens e mulheres, para a discussão de políticas públicas para as mulheres, aqui no estado da Bahia.

E foi uma construção importante, porque dali saíram diretrizes para o encaminhamento de temas que já estavam latentes no governo do estado, mas que tiveram, então, um direcionamento, a partir de propostas importantes que surgiram naquele evento. A Bahia é o único estado da federação com um sistema estadual de esporte em funcionamento. Anotem, porque é importante vocês anotarem. E eu digo isso com tristeza.

Poderia ser motivo de satisfação. Ao contrário. É motivo de muita dor nós termos construído, durante uma década, um sistema nacional de esporte e lazer, e vemos, em dois anos, o sistema desmoronar. Construímos o Ministério do Esporte; garantimos financiamento público, através de emendas parlamentares e de um orçamento público que chegou à casa de 1,5 bilhão de reais; trouxemos para o Brasil os maiores eventos esportivos do planeta para deixar legado para o Brasil, Copa e Olimpíadas. Garantimos a construção de uma rede nacional de treinamento, que pulverizou nos territórios brasileiros estruturas, por modalidade, para garantir que nenhum estado ficasse de fora. A Bahia foi beneficiada, em Lauro de Freitas, com o Centro Pan-americano de Judô e, em Salvador, com duas piscinas, uma olímpica e uma semiolímpica.

E nós assistimos, depois da turbulência política que tomou conta do nosso país – nossa advogada Ludmila, da OAB da Bahia, que também nos brinda com a presidenta da comissão –, desmoronar o Sistema Nacional de Desporto e de Esporte e Lazer, como num passe de mágica, com uma política pública recém-construída, e que foi alvo do ataque dessas forças que não gostam do esporte, não gostam do lazer. E, num efeito cascata, os estados foram desmontando as suas estruturas de secretarias, de conselhos estaduais, de fundos estaduais. E nós temos hoje apenas um estado com o sistema pleno em funcionamento, que é a Bahia. O conselho se reúne e discute políticas públicas,

Uilson – secretário de Lauro de Freitas e professor da Uneb, aqui presente também, nos brindando com a sua presença –, um conselho ativo, que tem debatido política pública, apontado diretrizes.

É um estado que tem uma lei estadual, de 2012, votada aqui nesta Casa, por unanimidade, que instituiu a política pública de esporte e lazer. E nós temos uma relação muito próxima com as modalidades. São 42 modalidades olímpicas, deputada Olívia Santana. Das 42 modalidades olímpicas, o estado da Bahia, nas gestões dos governadores Jaques Wagner e Rui Costa, aportam recursos por modalidades esportivas, via entidades esportivas ou via convênios diretamente com essas modalidades, junto a 30 das 42.

Agora o Comitê Olímpico alterou e nós teremos, felizmente, o surf e o skate como modalidades olímpicas. E anteontem, na França, houve uma nova alteração: saiu o caratê, para tristeza nossa, pois a Bahia tem uma força enorme no caratê. Acabou de sair o caratê, mas entrou uma modalidade que o Brasil tem muita força, Ângela, que é a dança de rua.

Então, acho que inova para melhor. A gente fica triste porque sai uma modalidade e entra outra, mas é o jogo do ciclo olímpico, que vai alterando aqui e ali e garantindo um frescor dentro das modalidades que estão no comitê como modalidades importantes.

Então, digo isso para afirmar que, dessas 30 modalidades com as quais temos relação direta a partir do fomento, aqui na Bahia, temos mulheres participantes em boa parte dessas modalidades. E foi aquele fórum, deputada Olívia, que orientou que nós aprofundássemos o olhar de gênero em relação a essa parceria do estado com as entidades que realizam o esporte, com as prefeituras, que são parceiras estruturantes na construção de política pública. E quase todas elas têm, por orientação nossa, a busca da iniciação esportiva e a busca de gênero como orientações da nossa Sudesb, que é a autarquia que cuida do esporte como política no estado da Bahia.

Sobre a questão do futebol, que motivou a realização desta sessão, a nossa reflexão precisa ser autocrítica. Na minha opinião, ao atravessar uma sessão como esta sem termos uma autocrítica social sobre a questão do futebol feminino, não me sentiria tranquilo ao falar neste microfone para vocês. E é uma autocrítica da sociedade brasileira, porque Sartre nos ensinou que quando temos dificuldades de encontrar o problema, apontamos que o inferno é o outro. E a intenção da deputada Olívia e da Comissão Especial não foi de, nesta sessão, apontar onde está o inferno. Estamos aqui para discutir a forma de nós, coletivamente, encontrarmos caminhos – como disse o amigo Manfredo Lessa, da Federação Bahiana de Futebol, que me antecedeu – para uma construção que leve ao que nós pretendemos. É uma construção que não é fácil, que tem componentes históricos, antropológicos, que colocaram o futebol feminino numa situação de desnível em relação ao futebol masculino em escala mundial. Não é um problema do Brasil.

A deputada Olívia comentava comigo sobre uma única seleção do planeta Terra, seleção profissional de futebol feminino, que paga salário igual para os homens e para

as mulheres. Só tem uma, no planeta, pagando salário igual. Então, é uma situação que, realmente, nos cria um olhar diferenciado em relação à temática.

As iniciativas que estão em curso aqui na Bahia... Nós temos em Lauro de Freitas, neste momento, acontecendo o campeonato municipal de futebol feminino, com oito equipes, em parceria com a Sudesb – já vi Rosana ali, que está nessa construção, tocando essa iniciativa. Nós conseguimos com a deputada federal Alice Portugal um recurso para emenda parlamentar, para fazermos na Bahia a primeira edição da Copa Loreta Valadares, junto com a CBF.

Faremos agora no mês de agosto, se tudo der certo em relação aos processos licitatórios, devemos iniciar, de agosto a outubro, a nossa primeira edição da Copa Loreta Valadares, que veio para ficar no calendário da Bahia. Não é uma iniciativa de apenas um ano. Lívia está lembrando aqui que são oito equipes sub-17 e doze equipes adultas do futebol feminino da Bahia. Das que me lembro, tem Laura, Dilma, Rosana, tem outras meninas que estão nessa coordenação conosco, junto com Gustavo e com a equipe. São as veteranas do futebol feminino fazendo uma coisa diferenciada.

E nós queremos – e o Manfredo falou aqui da ideia de um campeonato intermunicipal, deputada Olívia – que esta sessão construa as possibilidades para garantirmos, darmos um passo à frente. Acho que a Bahia pode ser um caso de sucesso em relação ao futebol feminino. Se nós somarmos as iniciativas que já estão em curso – a Bahia faz um campeonato baiano de futebol feminino que é numeroso, como disse o Manfredo, que acontece já há algumas décadas –, podemos dar um salto. Se nós tivermos uma unidade do setor público com o setor privado para garantirmos financiamento, que é o principal entrave para o futebol feminino profissional, e garantirmos mais recursos para a iniciação.

Nós já temos um aporte de recursos, mas julgamos que ainda é insuficiente para o tamanho da Bahia. E estamos, neste momento, aqui nesta Casa, preparando, deputada Maria del Carmen, certamente, a Lei Orçamentária Anual de 2020. É neste momento que a sessão acontece. Por isso a importância da realização desta sessão no mês de julho. Se nós tivermos um dinheirinho a mais para o fomento, deputada Olívia Santana, para a iniciação esportiva, tenho certeza de que vamos conseguir fazer mais do que estamos fazendo.

Nós temos, no orçamento da Sudesb, 1,7 milhão para o fomento ao esporte. Nós começamos o ano com 1,7 milhão. Para obra são 3,5 milhões. Fechamos 2018 executando em torno de 10 milhões para o fomento. Então precisamos ajustar. Se eu tenho 1.7 e executo 10, é porque tenho capacidade de executar 10. Eu poderia ter na peça orçamentária do estado da Bahia para a Sudesb, por iniciativa desta Casa, por exemplo, um orçamento de R\$ 10 milhões para o fomento. Eu garantiria, para a iniciação e para a iniciação das meninas, um recurso maior do que eu tenho hoje, porque eu faço modificação orçamentária o tempo inteiro para a garantia da absorção de projetos sociais que chegam naquela casa. E eu poderia ter essa garantia orçamentária para não precisar, o tempo inteiro, alterar o orçamento.

Então, duas iniciativas que eu deixo como sugestões para esta sessão, que poderiam ser iniciativas práticas para tratarmos de um projeto mais duradouro, de

longo prazo e não ficarmos em iniciativas pontuais. Aumento, portanto, do recurso para o fomento destinado à Sudesb.

A outra proposta, eu não vou anunciar na sua inteireza, mas vou dar, aqui, uma pincelada, porque nós teremos um ato de lançamento, agora, no final do mês de julho, que o secretário Davidson colocou aqui. Está em gestão na Sudesb, há algum tempo, uma política pública, uma nova política pública que vai ser anunciada, de iniciação esportiva para a área do futebol.

Nós conseguimos trazer, em parceria com uma instituição que nós temos relação desde o período em que eu estive à frente do Ministério do Esporte, nós conseguimos trazer a partir de um contato feito com o secretário de esporte de Lauro de Freitas, o nosso amigo Wilson, trazer para a Bahia o maior projeto de iniciação esportiva do futebol feminino do Brasil. (Palmas) Nós faremos o lançamento. É uma construção, deputada Olívia, com a Secretaria de Políticas para as Mulheres, a secretária Julieta Palmeira estará conosco nesse lançamento, assim como a Comissão de Defesa dos Direitos das Mulheres desta Casa e toda esta Casa Legislativa. Nós convidaremos, portanto, todos para esse lançamento. É um programa e, não, um evento. É um programa de governo que será lançado. A secretária Julieta Palmeira, que está representada nessa Mesa pela Dr.^a Daniele Costa, sua chefe de gabinete, faremos, portanto, a quatro mãos, o lançamento de governo desse programa. E eu tenho certeza que será espelho para o país inteiro. Tudo começa na iniciação esportiva.

A nossa gestão à frente da Sudesb tem falado muito sobre isso. Eu chego nos lugares e o pessoal: pô, lá vem o chato da iniciação esportiva. Porque eu acho que tudo começa aí. Tem uma dimensão, que é a dimensão da escola, e o esporte escolar precisa do nosso olhar mais generoso. O secretário Jerônimo tem tido um olhar carinhoso para o esporte na escola. Estamos fazendo, neste momento, a maior edição dos jogos escolares baianos. Vai ser uma edição, realmente, tamanho G. E, fora da escola, a partir do fomento que nós fazemos a programas de iniciação esportiva. E, da parceria que nós temos com instituições, nós nos somamos, Manfredo e demais dirigentes de federações esportivas aqui presentes, ao papel dos clubes formadores, que é um papel fundamental que foi estimulado pela Lei nº 9615, está lá no seu § 3º a importância do clube formador. E nós queremos que essa conquista legislativa tenha factualidade na Bahia.

Apenas dois clubes baianos de futebol, deputada Olívia, têm a certificação, a chamada CFF, a Certificação de Clube Formador. No nível A, só tem o Esporte Clube Bahia. Eu tenho certeza que os demais clubes aqui presentes e os que formam meninas têm aspiração do nível A, daquela certificação da CFF.

Então, eu acho que dá para montar, aqui, um pacote de iniciativas que juntem o poder público, a iniciativa privada com financiamentos, os clubes formadores, os clubes de futebol, já que a sessão aqui é uma sessão desta modalidade esportiva, para nós termos aqui um caso de sucesso. E eu acho que esta Casa Legislativa será uma parceira fundamental para a garantia do financiamento público do pedaço que lhe cabe, no sentido de garantirmos êxito em relação a esta jornada.

Parabéns, deputada Olívia Santana, deputada Maria del Carmen e demais integrantes da Comissão Especial, por terem aprovado essa sessão, que veio a calhar no final da Copa do Mundo de Futebol Feminino, pautando um tema tão importante como esse para a construção de uma sociedade mais justa.

Obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, superintendente Vicente Neto, acho que foi muito importante suas informações, boas notícias em relação ao esporte e especialmente em relação ao futebol feminino.

Eu aproveito aqui para destacar também a presença do mandato da deputada Aladilce Souza, representado por nosso querido Fábio, obrigada, e também justificar as ausências das deputadas Lídice da Mata, que também foi convidada para esta sessão e não pôde vir, porque está em Brasília, e a deputada Alice Portugal que encaminhou, inclusive, ofício saudando vocês, saudando a sessão, saudando esses clubes aqui presentes e dizendo que por motivo de estar presa em Brasília, acompanhando o debate político, todo mundo aqui sabe o que está acontecendo, especialmente a Reforma da Previdência, ela não pôde se fazer presente aqui, mas, também, destacou no seu ofício a notícia da primeira Copa de Futebol Feminino, na Bahia, que será uma homenagem, também, a uma mulher que enfrentou a ditadura militar, lutando pelos direitos das mulheres, uma grande feminista chamada Loreta Valadares. Então, se preparem, porque vocês participarão da Copa Loreta Valadares, na Bahia. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Eu quero agora, de imediato, convidar para a gente ouvir a voz das jogadoras, vamos ouvir a nossa querida Tainara Silva, que representa aqui o Esporte Clube Vitória, por favor. (Palmas.)

A Sr.^a TAINARA SILVA: Saudações a todos. Em nome do Esporte Clube Vitória eu agradeço pela participação nesta sessão especial, visando essa causa tão importante do futebol feminino na Bahia e no Brasil.

Bom, há muito tempo o futebol feminino vem sendo excluído da nossa sociedade, devido a um preconceito e a um machismo racial por todo o mundo. Em nome do futebol a gente não vê uma causa visível para que isso aconteça. Somos mulheres e podemos, sim, fazer o que queremos e o que precisamos expor para sermos valorizadas no mundo. Eu acredito que muito do que fazemos, hoje em dia, representa não só o futebol, mas todas as mulheres do mundo que estão excluídas em algo político e racial.

Quero parabenizar a Dilma aqui presente, por ser uma das integrantes a representar o futebol da Bahia e do Brasil. Dilma, acredito que você já está acima do patamar em que o machismo não se expõe mais. A senhora, V. Ex.^a deputada, agradeço por este momento e esta sessão especial. E a todos os envolvidos, eu também agradeço nesta oportunidade de falar que, realmente, podemos participar de algo grandioso no mundo. Sejam mulheres e valorizem tudo o que vocês têm hoje e o que poderemos conquistar amanhã.

Obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Muito bem, Tainara, jogue como uma garota, lute como uma garota! (Palmas)

Ah! Gente eu adoro quando eu vejo essas meninas descoladíssimas, falando assim com essa força, essa propriedade, dá um alívio enorme, porque a gente sabe que as sementes estão sendo plantadas e elas estão florescendo assim com muita força.

Imediatamente, eu quero então passar a palavra para mais uma jogadora, a nossa querida Vanessa Silva, de São Francisco do Conde. Vai falar em nome de todas vocês.

A Sr.^a VANESSA SILVA: Bom dia a todos, bom dia a Olívia Santana, muito obrigada por esta oportunidade, não sou tão ousada como minha amiga, sou um pouco tímida. Mas eu quero falar que foi muito difícil para mim entrar no São Francisco. Foi bem difícil mesmo, mas graças a Deus consegui realizar o meu sonho de vestir esta camisa. E quero dar um exemplo às meninas do Força Feminina ali de São Francisco do Conde. Que elas podem sim, chegar onde eu cheguei e podem sim um dia vestir a camisa da seleção brasileira.

Bom, quero também mandar um beijo para minha família lá em cima, não são só minhas amigas são minha família também. E graças a elas estou onde eu estou também, e eu não sou muito de falar...

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Por que foi difícil?

A Sr.^a VANESSA SILVA: Bom, acho que pelo preconceito. Não só da parte de fora da torcida, mas sim da comissão, não era essa comissão. Essa comissão que está hoje eu dou graças a Deus, formada pelo professor Carlinhos, Robson, o Donato. Graças a Deus eu pude entrar e dar o meu melhor e honrar esta camisa que eu estou vestindo hoje. É isso. Eu não sou muito de falar, não.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, Vanessa. Você é de jogar, porque você tem bola no pé. Bota a bola no pé que ela fala. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Oi, gente, eu quero passar agora a palavra a nossa representante da Secretaria Estadual de Políticas para as Mulheres que tem feito um trabalho belíssimo. Quero, inclusive, elogiar e fizemos aqui uma moção de aplausos à campanha que está espalhada na cidade, em muitos pontos da Bahia, que é a campanha contra a masculinidade tóxica, os homens podem ser diferentes, sejam novos homens e se dispam do machismo porque assim a gente pode construir uma sociedade melhor. Então, parabéns à SPM pela belíssima campanha e, portanto, o microfone é seu Dani.

A Sr.^a DANIELE COSTA SILVA: Obrigada! Quero saudar a Mesa, em nome da deputada Olívia Santana, também presidenta da Comissão de Direitos das Mulheres, assim como também, à nossa querida parlamentar, deputada estadual Maria del Carmen, saúdo a todas que compõem esta Mesa e quero saudar também, aqui, este plenário,

saudando essas meninas e mulheres que estão vestidas, aí, com as camisas dos seus times de futebol.

Quero saudar a todas que estão aqui neste plenário e a todos porque nós sabemos que para chegar a este patamar de hoje, estar vestida com a camisa de futebol foi preciso muita luta e muita resistência de muitas mulheres que na década de 1920 entraram pela primeira vez em um campo. Pela primeira vez elas entraram em um campo de futebol rompendo a cultura patriarcal, os preconceitos, rompendo uma lógica de dominação masculina para a modalidade do futebol.

Pensar no país das chuteiras, o país do futebol, o país que tem essa paixão é pensar também nas movimentações de resistência, porque para as mulheres e para os negros era proibido, não existia a permissão para jogar futebol. O futebol já foi uma modalidade da elite brasileira e nós tivemos que romper essa lógica. Para os negros jogarem futebol foi uma ação de resistência e para nós mulheres, também. Afinal, aqui neste país já foi proibido, considerando a natureza feminina. Hoje a gente não consegue nem imaginar isso: uma mulher ser proibida de jogar futebol, por um decreto, pelo Estado brasileiro, porque sua natureza feminina não era forjada para essa modalidade. Para proteger, inclusive, a saúde reprodutiva porque diziam que a bola poderia afetar o útero e inviabilizar as mulheres, quer dizer, a maternidade, porque para as mulheres sempre foi dado esse valor. Nós somos as mães, somos as cuidadoras e não podemos exercer outros espaços. E tudo isso foi uma ação de resistência das mulheres que romperam com essa lógica. E é tudo muito recente quando se fala no futebol feminino na seleção também brasileira, porque apenas na década de 1980, em 1983, que nós tivemos, de fato, o direito assegurado a exercer... A primeira copa do mundo foi em 1991 e a primeira vez que a seleção brasileira teve uma camisa desenhada para a seleção brasileira e não é, à toa, que essa camisa diz: mulheres guerreiras do Brasil. Porque, de fato, é isso que as mulheres, no futebol, representam. Elas representam a resistência, representam uma luta pela equidade salarial, inclusive.

E, nesta Casa Legislativa, nós temos que aproveitar este momento para fazer esse debate, nós precisamos discutir um investimento equivalente do futebol masculino com o futebol feminino. Nos Estados Unidos nós já temos um exemplo disso, nos Estados Unidos foi a partir da educação, a partir do investimento da educação que lá, nas grandes universidades se fortaleceu a Liga Universitária de Futebol Feminino. E não é à toa que os Estados Unidos já ganharam mais de três copas mundiais porque há um investimento na educação por via da qualificação esportiva, por via das seleções, e é equivalente também a modalidade masculina e a modalidade feminina.

Aqui no Brasil, das cinco mil atletas adultas nos campeonatos regionais e no campeonato brasileiro, apenas dois times brasileiros assinam a carteira das jogadoras, o Santos e o América de Minas Gerais.

Nós precisamos fazer esse debate, fazer esse debate nesta Casa Legislativa. Nós precisamos ter regulamentação, ter leis. No Brasil nós temos uma lei que trata sobre isso, que é o Programa de Gestão e Responsabilidade Fiscal do Futebol, que diz que a contrapartida tem que ser no investimento para o futebol feminino. Mas isso não é cumprido. (Palmas)

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Nós precisamos estabelecer isso enquanto uma regra a ser cumprida.

O estatuto do torcedor não fala sobre assédio que acontece nas torcidas, e nós sabemos que nós, mulheres, não somos mais enfeites nas arquibancadas, como éramos tratadas no passado. Nós estamos ali porque entendemos também de futebol, porque torcemos para os nossos times e não queremos ser assediadas nas arquibancadas.

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Então, a SPM se coloca à disposição desta Casa para debater a campanha “Respeita as mina” entre as torcidas femininas, para combater o assédio nos estádios, à disposição da Setre e da Sudesb para construir esse grande programa de valorização do futebol feminino.

Então, eu agradeço a oportunidade, em nome da secretária Julieta Palmeira, e vamos em frente, porque se o ano de 2019 é o ano da seleção do futebol feminino, muitas gerações outras virão aí para demonstrar que nós mulheres resistimos e conquistamos a igualdade. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, Dani, Daniele Costa, chefe de Gabinete da SPM, pela brilhante contribuição.

Quero destacar a presença de Aloísio Oliveira de Souza, secretário municipal de Desenvolvimento Social e Esporte, de São Francisco do Conde. Saudar também a presença de Silvan Santos, secretário de Esporte da Prefeitura Municipal de São Sebastião do Passé; Wilson de Souza, secretário de Trabalho e Esporte, nosso grande secretário de Lauro de Freitas, que tem um trabalho brilhante, e parabenizá-lo por esse grande projeto de futebol feminino também, que veio para a Bahia, está sendo desenvolvido, como disse Vicente, através também da Sudesb. E a Marizete Santos, que é diretora da Liga de Futebol Feminino de Lauro de Freitas. Parabéns. (Palmas) Geraldo da Hora Paula, presidente do clube feminino Grupo Esporte Clube, e Roberval Conceição Silva, diretor financeiro do Atmei.

Com muita honra, eu concedo a palavra à deputada estadual Maria del Carmen, nossa grande parceira nesta Casa em defesa dos direitos das mulheres.

E quero também destacar, deputada, que eu usei essa tribuna para fazer críticas fortes ao então candidato a presidente do Vitória, Paulo Carneiro, quando ele fez aquela fala – que as meninas não precisam falar, mas eu posso falar, porque eu achei que foi uma fala desrespeitosa em relação ao futebol feminino – que as meninas teriam de procurar outro lugar para treinar, que não poderiam usar o Barradão. Então, usei esta tribuna e fiz uma crítica dura. E hoje uso este microfone para registrar que o Vitória está registrando também a carteira de trabalho das jogadoras do futebol feminino. (Palmas) Então, a gente usa para falar dos erros, mas também dos acertos.

A Sr.^a MARIA DEL CARMEN LULA: Bom dia para todas e para todos.

Saudar a nossa presidenta, Olívia Santana, presidenta da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher, nossa parceira, como ela já disse aqui, nesta Casa. Eu sou sua parceira muito mais, pelo seu trabalho, pela sua dedicação.

Quero elogiar todo o trabalho que Olívia tem feito neste primeiro ano, nesses primeiros 6 meses como presidenta da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher, as pautas que têm trazido para o debate, a sua presença marcante nesta Casa a cada dia, em cada sessão.

Eu, que por muitas vezes tenho que estar presidindo as sessões ordinárias da Casa, e ela, sempre ocupando a tribuna desta Casa para, com destaque, fazer frente a todas, e várias, as denúncias, várias intervenções e várias sugestões para que a gente possa ajudar a melhorar a vida do nosso povo.

E aqui, neste momento, este debate sobre as políticas de valorização do futebol feminino na Bahia que ela trouxe de imediato e foi aprovado por todas as componentes da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher, nós que somos 10 mulheres apenas entre os 63 deputados desta Casa, mas que, de fato, fazemos a diferença. E Olívia é uma dessas que faz a diferença e a sua presença é... A Bahia fez justiça para que ela aqui pudesse estar representando esse segmento tão forte, tão presente em nossa vida, no dia a dia, que é a maioria da população da Bahia e que não tinha uma representação à altura, da altura da deputada Olívia Santana.

Quero, na pessoa dela, cumprimentar os demais membros da Mesa. Permitam as mulheres que hoje compõem a maioria nesta Mesa, o que não é comum nesta Casa, é o inverso. Mas a gente começa a ver uma mudança olhando para este Plenário onde as mulheres, já que a gente está debatendo o futebol feminino, são maioria nesta Casa. Mas que bom que a gente pudesse ver nos diversos atos, nas diversas sessões aqui que esta Casa estivesse repleta de mulheres. Apesar de não querermos ocupar o lugar dos homens, nós queremos garantir o nosso lugar, e é isso que a gente prega todos os dias. Enquanto a gente não tiver esse direito assegurado, nós queremos, sim, ter direito a continuar mantendo os nossos espaços.

A deputada Jusmari, que, infelizmente, não pôde continuar aqui, já tinha um outro compromisso, ela disse que foi a primeira na sua cidade natal, Barreiras, a pisar num gramado. Eu digo que talvez eu tenha sido a primeira mulher a pisar fazendo gramados pela Bahia inteira, já que ajudei lá... Já fiz as contas aí, são 36 anos. Trinta e seis atrás ajudei a escrever – eu já sou idosa, Angela, portanto, 36 anos, não me incomodo de falar – a lei que criou a Sudesb, ajudando outros companheiros a criar a Sudesb, tendo sido a primeira diretora de obras da Sudesb.

Portanto, ajudei a construir o Barradão. Que bom que as mulheres possam estar lá dentro! Que bom seria que elas pudessem estar treinando e trabalhando e participando das partidas dentro do gramado do Barradão, aquele gramado que ainda tem a drenagem da época que a gente construiu aquele estádio.

Tive a oportunidade de fazer o gramado do Esporte Clube Ypiranga, infelizmente, já não existe mais; de fazer o gramado do Galícia Esporte Clube, aqui tem um representante do Galícia; e vários outros campos de futebol pela Bahia afora. E depois,

na Conder, construir o Estádio de Pituaçu, reconstruir o Estádio de Pituaçu, que tantas alegrias deu, naquele momento, para nós, da Bahia.

Mas eu fico, aqui, a imaginar, dizendo para vocês essa... tinha escrito algumas coisas para falar, mas vou falar de improviso pelo sentimento de hoje estarmos aqui para debater um tema que... É absurdo que 40 anos depois a gente ainda esteja aqui, 40 anos depois de ter sido garantido que nós pudéssemos participar, jogar futebol que a gente ainda esteja percebendo, apesar de todo o esforço feito pela Sudesb, pela Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte, durante, inclusive, a gestão de Olívia... Tanto já se fez, mas ainda é tão pouco para o que é necessário que seja realizado.

É um absurdo que nós vejamos jogadoras do quilate de Marta, que a gente veja jogadoras do quilate da nossa companheira que está aqui hoje – Dilma, que está aqui hoje e tem essa representação tão forte –, infelizmente, não ser valorizada da forma que deveria. É um absurdo que a gente ainda tenha a perspectiva...

E eu perguntava: “Será que a gente vai ter que levar mais 40 anos para ter assegurados os mesmos direitos que os homens têm?” Porque se eles têm direito a ter acesso ao esporte, a ter acesso a recurso, ter acesso a patrocínios, não é possível que nós, as mulheres...

E eu acho que aí tem um desafio para nós. Nós somos mais de 50% da população, portanto, se nós, as mulheres, estivermos lá, nos campos de futebol, exigindo.... porque se nós não formos... cada vez mais as mulheres estão indo participar, assistir aos jogos nos estádios e se a gente não fizer uma greve: não vamos ter mulheres nos estádios se as mulheres não estiverem no futebol feminino com as mesmas condições, para que os times possam dar a elas o direito de estar jogando, de estar participando e que tenham os mesmos recursos, que se assegurem os mesmos recursos que são assegurados para os homens.

Nós não podemos ainda imaginar, em pleno século XXI, que as mulheres ainda sejam tratadas com essa falta.

Eu ouvi aqui quando a deputada Olívia citava os nomes que os gestores do futebol feminino são homens. Isso não é possível que possamos aceitar. (Palmas) Desculpem os homens, sem nenhum preconceito, mas não é possível que nós não tenhamos pessoas... Dilma, nós temos você aí como exemplo, mostrando que as mulheres também podem ser treinadoras, podem ser juízas, podem ser aquilo que quiserem ser no lugar que quiserem. E nós queremos estar no esporte, nós queremos estar no futebol, porque também temos direito a assegurar essa nossa presença.

Parabéns, Olívia.

Eu dizia que se não tiver fundo, ainda, para o esporte, eu acho que a gente tem que pensar em propor ao governador do estado um fundo na área do esporte para que a gente possa auxiliar – estabelecendo que parte dele, uma parcela significativa, porque nós somos mais do que os homens, então, podemos ter um percentual maior (palmas) do que os homens – e garantir que a gente tenha acesso ao futebol, como devemos ter a garantia nos outros esportes que a mulher tem que estar representada e que, infelizmente, não está na proporção que deveria.

Parabéns, Olívia. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, deputada Maria del Carmen.

Nós já estamos concluindo, caminhando para a finalização desta sessão. Eu peço, portanto, a tolerância de quem ainda puder ficar para depois fazermos uma foto de todo mundo junto. Só tem mais duas falas.

Quero registrar a presença de Maria Ribeiro, que é representante da Tricoloucas, torcida feminina do Bahia, que está aqui também (palmas); da Força Feminina, que é também um dos projetos de São Francisco do Conde; de Vítor Marques, que é diretor do Baiacu, time de futebol feminino; Aureliano de Jesus, diretor de Esporte do IECIS; Francisco Neto, presidente da AEBA - Associação de Árbitros do Estado da Bahia; Francisco Cardoso, do Centro de Formação de Futebol da Bahia; Edson Nery, presidente do Itaparica Esporte e Lazer; Roberto de Jesus Rosa, diretor de Esporte da ONG Paciência Viva; Rildo, presidente da Divisão de Base de Árbitros de Futebol; Rosana Vidas da Silva, presidente da Madre Salvador; Aloísio Oliveira de Souza, secretário municipal de Esporte de São Francisco do Conde.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Eu quero chamar aqui, junto com Donato, para que Donato possa fazer uso da palavra por 3 minutos, porque vão fazer a entrega de um documento e ele pediu para ser acompanhado por Aloísio, que é o secretário de Esporte de São Francisco do Conde.

Donato, com a palavra, por favor.

O Sr. Aloísio Oliveira de Souza: Bom dia a todos e todas.

Obrigado, Olívia, obrigado a toda Mesa pela receptividade, obrigado a todas as jogadoras. Este momento feito para vocês é um momento muito importante. Obrigado a todas as mulheres de uma maneira geral.

É uma satisfação muito grande por, em nome de São Francisco, estar aqui, acompanhado por Donato, podendo conversar com vocês e dizer que São Francisco do Conde no futebol feminino vive uma peculiaridade, um detrimento na questão de financiamento. Enquanto o Bahia e o Vitória são clubes empresas, São Francisco do Conde ainda tem todo o apoio do município. E a gente sabe que o Sistema Nacional de Esporte, que se envereda para os entes federal, o estadual e o municipal, reza para o ente municipal, gente, a indicação de que a gente tem que fazer esporte, lazer e participação. A questão da iniciação esportiva e a questão dos esportes de alto rendimento ficam um pouco fragilizadas. A gente não tem apoio, principalmente dos editais públicos ou das questões relacionadas ao financiamento empresarial.

Então, nessa linha, vem a equipe toda de São Francisco do Conde pedir encarecidamente, pelo tamanho que São Francisco do Conde tem para o futebol feminino, para essa história que está muita clara aqui, são mais de 20 títulos: títulos baianos, dois títulos de Copa Nordeste, títulos da Copa do Brasil, chegamos a ser o primeiro no *ranking* nacional... mas, dentro dessa peculiaridade, se a gente não tiver apoio, suporte para o perfil de profissionalização que o futebol feminino está almejando,

se não tivermos apoio empresarial, apoio de captação de recursos, o grande São Francisco, e posso dizer grande porque nós ainda somos grandes, pode, realmente, sucumbir.

Então, tem muitas meninas que se espelharam aqui no São Francisco. Elas falavam da dificuldade de entrar no São Francisco do Conde, não necessariamente porque ninguém deixar entrar, porque o São Francisco cresceu de tal maneira e em algum momento ele precisou se renovar. Então, essa renovação tem feito essas meninas guerreiras, a quem quero agradecer pela presença de todas. E dizer que, com todas as dificuldades, nós estamos batalhando por vocês.

E apresentar a esta Assembleia Legislativa e aos empresários aqui presentes o portfólio municipal, a indicação de que...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) independentemente disso, São Francisco do Conde está de portas abertas para receber financiamento e a ajuda de todos vocês.

E agradecer à Sudesb por esse trabalho fantástico de iniciação que está sendo feito aí. E dizer que, como foi falado aqui pelo superintendente, vocês são fantásticos, tiram leite de pedra, porque, infelizmente, a questão do financiamento ainda é um grande problema.

Muito obrigado, Olívia. Obrigado a todos aqui. São Francisco do Conde só agradece à imprensa pela oportunidade de estar fazendo parte disto aqui. (Palmas)

O Sr. DONATO CONCEIÇÃO: Bom dia a todos.

Agradecer à nossa deputada Olívia Santana, e na pessoa dela saudar toda a Mesa. Eu quero agradecer a todos os presentes aqui, e falar em nome da minha diretoria, da minha comissão técnica e de todas essas minhas atletas que estão ali em cima, que me acompanham aonde eu for.

Então, não pretendo me alongar, porque demoramos muito para chegar aqui, por isso vou ser bem rápido nas minhas palavras.

Eu queria só saber do nosso vice-presidente da Federação Baiana de Futebol, ele falou que vai ter uma copa e o intermunicipal, se não vai ter também o campeonato baiano, entendeu?

Ele depois vai falar conosco, aí vamos ficar bem inteirados disso aí. Eu sei que a Federação é um órgão muito competente.

E nós seguimos os caminhos da deputada Olívia Santana, e eu peço a ela, encarecidamente, que não deixe o nosso projeto cair por aí. E peço publicamente que ela, a partir de hoje, seja a madrinha do São Francisco do Conde Esporte Clube.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Desafio aceito, Donato, com muita honra. Nossa! Salve as meninas, as mulheres do São Francisco do Conde! (Palmas) Tudo que pudermos fazer para ajudar, para contribuir com o futebol feminino, tenham certeza de que não mediremos esforços para apoiar essas mulheres que estão desbravando, porque é muito importante.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): É importante que vocês saibam que esses dados da desigualdade apresentados aqui não foram mostrados como elemento de desestímulo. Eles foram apresentados como uma maneira de enxergarmos a realidade, buscando puxar as instituições a nos ajudar a enfrentar essa realidade tão desigual.

Quero fazer referência a um elemento que considero muito importante. A gente fala muito da Marta como a nossa grande rainha, a grande dama do futebol, essa mulher tão batalhadora que nunca desistiu, que tem sempre uma palavra a dar. E a gente também vai poder ouvir aqui a palavra dela. Mas devo dizer que o jogador mais bem pago do Brasil se chama Neymar, que joga na Europa e ganha 91,5 milhões de euros. Isso equivale a R\$ 396 milhões – R\$ 396 milhões, deputada Maria del Carmen! Enquanto isso, a nossa grande Marta ganha o equivalente a R\$ 340 mil. O salário de Marta é de 1 milhão e 470 mil. Marta não ganha nem 2 milhões de euros. Traduzindo para a nossa moeda, são R\$ 340 mil contra R\$ 396 milhões – milhões!

A desigualdade é brutal, mas vamos enfrentar porque somos mulheres de raça. É preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana e sonho, sempre. Somos mulheres e vamos lutar para transformar esta realidade.

Passo a palavra, por 3 minutos, para a presidenta nacional da Unegro, que está aqui entre nós, para que ela faça uma rápida saudação. Em seguida finalizaremos esta brilhante sessão.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Ângela Guimarães com a palavra. (Palmas)

A Sr.^a ÂNGELA GUIMARÃES: Bom dia a todas. Quero que todas as pessoas presentes a este plenário se sintam representadas quando a gente fala “todas” – não é, deputada Olívia, deputada Maria del Carmen? –, porque as mulheres são a maioria da população mundial, maioria da população brasileira, maioria do eleitorado. (Palmas) Mesmo assim, muitas vezes essa maioria é invisibilizada em vários segmentos da sociedade, a exemplo desta Casa. Se é fato que a gente ampliou a representatividade aqui, mas a gente gostaria de ter uma paridade feminina. O sistema político brasileiro precisa avançar para isso. Por isso, a importância do tema em tela neste debate de hoje, a valorização do futebol feminino.

Quero parabenizar a deputada Olívia e a Comissão dos Direitos da Mulher pela oportunidade – mesmo sendo em uma data difícil – de esse tema estar na ordem do dia. Até porque todas nós torcemos, sofremos e choramos, Dilma, juntos com a seleção feminina na Copa do Mundo. Não chegamos aonde queríamos, já que nós, brasileiros e brasileira, queremos sempre ganhar, sim, queremos sempre trazer mais um título para casa. Mas sabemos da importância da luta das meninas para chegarem aonde conseguiram chegar. Isso nos anima aqui da Bahia.

Saudamos as atletas dos vários clubes que estão presentes, as árbitras, a Comissão da Mulher da OAB, as dirigentes e todos aqueles e aquelas que lutam pela valorização do futebol.

Muito já foi dito aqui. Realmente, a gente encara nos esportes em geral, sobretudo no futebol, que é a maior paixão esportiva do Brasil, uma desigualdade abissal. Muitos falaram aqui da dificuldade de se ter políticas públicas para o fomento

das categorias de base, dentre todos os gêneros. Mas a gente conhece os obstáculos para que políticas públicas voltadas ao esporte feminino, em várias categorias, sobretudo no futebol, sejam promovidas.

Esta sessão tem um papel muito importante, Vicente, tendo em vista os anúncios feitos aqui sobre os editais do governo do estado em relação à Copa Loreta Valadares, em relação a esse maior projeto de iniciação esportiva feminina da nossa história, com os compromissos que o governo do estado assume enquanto políticas públicas.

Você falou aqui de financiamento do Estado, mas nós sabemos também que há um enorme mercado quando se trata do futebol no Brasil. Um mercado que mobiliza bilhões! Não são milhões, não. Acho, deputadas Olívia e Maria del Carmen, que precisamos tirar daqui diretrizes que exijam também uma paridade de investimento do ponto de vista dos clubes, das federações e da Confederação Brasileira de Futebol, sim. Se há centro de treinamento para as bases do futebol masculino, nós queremos idêntica condição. Porque competência, garra e brilhantismo as mulheres já demonstram em todas as categorias. Então nós precisamos que os clubes e as federações tenham a paridade desses investimentos.

E há a luta por igualdade salarial. Esse abismo que separa Neymar de Marta a gente vê reproduzido nas outras categorias. Então a gente precisa batalhar para que esse compromisso do Vitória, aqui expresso e reconhecido, de assinatura das carteiras das meninas, seja uma realidade no conjunto do futebol feminino dos diversos clubes.

E também é preciso exigir nossa presença nos espaços de decisão – como aqui as árbitras se manifestaram – com paridade. Porque é muito difícil que a defesa do futebol feminino seja levada em consideração se a gente não tem nenhuma mulher presidindo um clube na Bahia ou pouquíssimas mulheres presidindo clubes no Brasil. A gente também não tem uma presença feminina proporcional na federação, não tem representantes mulheres nas comissões e no conjunto das comissões técnicas.

Então, quando a gente traz esse tema do futebol, é necessário colocar o dedo nessa ferida. Antigamente, poderiam dizer: “Não temos ainda representantes preparadas com condição de representar”. Mas agora já temos uma geração de veteranas que podem colocar à disposição dos clubes, das federações e da confederação tudo que acumularam jogando futebol. (Palmas)

Muitas diretrizes oportunas, recolhidas nas falas das atletas, foram lançadas aqui. É fundamental que as atrizes do esporte tenham, além a voz da técnica Dilma, voz através das atletas que se posicionam.

Estamos em um momento que é necessário exigir. Conseguimos ampliar a nossa representação nesta Casa Legislativa, mas, antes, houve a necessidade de se aprovar uma lei eleitoral com reserva de 30% de vagas para candidaturas de mulheres. Então é necessário traduzir esse avanço conquistado no sistema político brasileiro, também, na dimensão do esporte, na dimensão do futebol. Sabemos que se esperarmos apenas uma mudança de cultura, a partir das gerações, esperamos mais de um século para que essa tão sonhada igualdade aconteça.

Para se ter igualdade é preciso haver intencionalidade e decisão nas políticas públicas esportivas. E também em toda a estrutura do futebol: nas comissões técnicas,

nas direções dos clubes, das federações e da Confederação Brasileira de Futebol.

Viva as mulheres no futebol feminino! Viva a nossa presença! Sigamos firmes na luta por igualdade. Joguemos como mulheres e lutemos como mulheres. Saudações. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Bom, gente, estou superconstrangida porque teremos de concluir a sessão, considerando que as jogadoras precisam voltar para os seus municípios e os ônibus têm horário para sair.

Peço a compreensão do plenário. Gostaríamos de fazer um debate mais ativo, com maior participação do plenário, mas não será possível para não prejudicarmos as delegações dos times que terão que se retirar. Até porque não seria interessante terminar esta sessão com as pessoas, simplesmente, saindo.

Temos aqui a presença da equipe da OAB, entidade que tem um time de futebol feminino. Queria que vocês se levantassem. Façam uma foto, por favor. (Palmas) A OAB tem um time de futebol feminino e tem uma mulher presidindo a Comissão de Esportes.

Ao assumir esse compromisso com vocês, quero dizer que aprovamos uma audiência pública na Comissão de Esportes – que será realizada futuramente –, já que queremos acompanhar todo o andamento desse debate que fizemos aqui. Não queremos que ele se perca; queremos fazer algo continuado. Faço questão de ter a OAB nessa audiência pública, botando a boca no trombone em defesa da igualdade de gênero no mundo do futebol. O.k.? Compromisso assumido? Compromisso também de Rosana, nossa árbitra, está certo? Precisamos garantir essa cumplicidade com todas as mulheres que participaram desta brilhante e – assim considero – e bem-sucedida sessão especial que debateu as políticas de valorização do futebol feminino.

Quero destacar essas jovens desse projeto, Vicente Neto, apoiado pela Sudesb, que abriga crianças de 7 anos a adolescentes de 14 anos, que também é desenvolvido lá em São Francisco. Então, estamos com o Estado buscando, de fato, investir, mas também precisamos de apoio da iniciativa privada. As empresas precisam financiar o futebol feminino. (Palmas, muitas palmas). Não podemos achar que essa é uma agenda somente do Estado.

Para encerrar com chave de ouro esta sessão, peço o vídeo com a palavra da maior jogadora de futebol feminino do mundo, a maior artilheira de todas as copas, a nossa bola de ouro, a nossa querida Marta.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas, muitas palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Palavras que são uma injeção para todas nós.

Saúdo o projeto de base Real Camaçari, sub-17; também saúdo Gabriel e Tiago, que estão aqui presentes. (Palmas)

Peço a todas e a todos para ficarem de pé para ouvirmos o Hino da Bahia, encerrando esta sessão.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Declaro encerrada a sessão, agradecendo a toda a equipe do nosso mandato, da Comissão das Mulheres, à equipe aqui da Assembleia, o Cerimonial, a todos os clubes.

Eu peço, inclusive, aos clubes que desçam aí, o São Francisco do Conde, por favor, para uma foto oficial aqui, junto com a gente, encerrando essa sessão. E também o Remo, não é isso? Por favor, venham! Venham, mulheres, para a gente fazer uma bela foto aqui na frente!

Obrigada, gente!

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.